

A mulher
que não
prestava



Tati Bernardi



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Para Guilherme

Agradecimentos

Oswaldo Bernardi, Ruth Bernardi, Luiz Carlos Teixeira Pinto, Pedro Cabral, Kiko Nogueira, Washington Olivetto, Sidney Araújo, André Luiz Costa, Myla Verzola, Silvio Amorim, Letícia Valença, Ana Paula Lopes, Marina Lopes, Eduardo Benaim, Priscila Guimarães, Livia Santos, Patrícia Gebrim, Marco Versolato, João Braga, Luiz Filipin, Katia Huls, Celina Paro, Renata Elisa Marcicano, Luisa Barreto, Fábio Torres, Paula Vampre, Juliana Pontual, Paulo Manzine, Rani Ghazzaoui e Lolita.

Revista *VIP*, Revista *TPM*, Revista *Viagem e Turismo*, W/Brasil, Agência Click, Blônicas, Predicta Comunicação Interativa e a todos da Kallipolis.

Um dia o Ricardo Figueira me falou que tinha contratado uma redatora que vinha de uma agência *off-line*. Fomos almoçar no restaurante da Reebock Ricardo, Domênico, Tati e eu. Toca o celular dela que fica aparentemente constrangida com a interrupção. Ela atende: “... eu sei que você é muito importante pra mim, mas vou desligar porque estou almoçando com meus três chefes”. Era só, e nada mais, que a pura verdade. Em pouquíssimos minutos, na nossa primeira interação, aprendi que Tati é verdadeira, espontânea e não tem o menor medo de ser assim.

Volto pra minha sala e no meio da tarde recebo um texto fantasticamente emocionado, falando de uma forma muito intensa que parece deixar a gente desconsertado. Uma torneira aberta de sentimentos que se expressam com todas as suas contradições, que os verdadeiros seres humanos vivem buscando a felicidade.

Um dia Tati me manda mais um de seus e-mails. Abro logo. Estava me habituando a receber seus textos, ainda que o corre-corre do meu dia-a-dia e a confessada timidez da escritora não nos tivesse proporcionado uma convivência pessoal mais constante. Não cheguei a me assustar com o que estava escrito. Ela estava se despedindo, queria dar um tempo, queria se dedicar a escrever. A única certeza que eu tinha é que ainda continuaríamos trabalhando juntos. Pedi pra bater um papo antes de sua saída. Agora estamos finalizando um livro a quatro mãos, contando a história da Click.

Quando fiz o convite para o projeto, ela perguntou por que. Eu só conseguia ser exatamente como ela na resposta. “Não conheço outra pessoa que escreva de uma forma tão verdadeira como você”. Começamos a conversar e logo depois recebo um texto quando aprendo que Tati é uma antena sensível capaz de captar e transformar em narrativa até o que a gente não fala, mas expressa nos hiatos e na entonação da voz.

Amiga, amigo leitor. Se me permite, vou dar um conselho. Se você tiver medo de encontrar com suas verdadeiras emoções que podem ser muito contraditórias e intensas, então não leia este livro da Tati. She’ll touch you.

Pedro Cabral

é dono da “AgênciaClick” de comunicação interativa
e o grande patrocinador da carreira literária de Tati

Toda mulher gosta de apanhar.
Menos as neuróticas.

Nelson Rodrigues

Apresentação

Eu me largava no sofá verde e ficava sonhando com a vida; tudo era novo demais para mim e eu precisava ficar paralisada para digerir o mundo. Meu avô não se conformava e andando de um lado para o outro da casa dizia: “essa criança não presta pra nada”.

Mais tarde, na escola, eu não chamava nenhuma atenção na hora do recreio, meu uniforme servia pra me deixar ainda mais com corpo de criança em meio àquelas garotas já encorpadinhas e meu cabelo colaborava para que eu fosse tão estranha quanto os meus pensamentos. Mesmo que eu ficasse sentada observando tudo e ganhando uma sensibilidade que aquelas meninas de cabelos lisos e coxas de bailarina nunca teriam porque estavam ocupadas demais com a nova tiara da Pakalolo, o guia de orgasmo juvenil da *Capricho* e o novo aluno com motorista particular, sob olhos superficiais, eu não prestava para absolutamente nada.

Fui demitida do meu primeiro estágio porque eu não servia para aquilo, e depois dele eu mesma me demiti de mais uns cinco estágios e de uns quatro empregos. Eu continuava não prestando para eles, mas pelo menos tinha aprendido a hora de abandonar antes de ser abandonada, tática que usei a vida toda também com os homens.

Depois de não ir a 457 festas de aniversário, 358 casamentos e outros eventos do gênero “vamos ver pessoas que não têm nada a ver comigo e sorrir a noite toda porque é preciso teatralizar para servir para algo nessa vida”, minha mãe desistiu do sonho de ter uma filha supercompanheira e sempre divertida. Um dia ela disse: “você está sempre reclamando, não se mantém em nenhum emprego, nenhum namorado te agüenta e você não me faz companhia... você não presta pra nada”. Nesse dia até a minha cachorra, que eu trato como filha, saiu correndo da minha cama, se instalou no quarto da minha mãe, e nunca mais trocou de dona.

De verdade, acho que todo mundo tem razão: eu realmente não sirvo muito pra coisa nenhuma. Não sei lidar com a cartilha corporativa porque só consigo dar importância para mim mesma; tento me distanciar da família o tempo todo por puro medo de não sobreviver sem ela; em viagens sou muito fresca, nojenta, zero-aventureira e cheia de medos; situações tensas me dão ataques de riso e até pra fazer sexo sou complicada... minha mente não pára um segundo de martelar.

Durante muito tempo não prestei sendo a outra ou sendo infiel, por total covardia. Mas nas poucas vezes em que tentei amar sendo inteira, quase morri de medos, ciúmes e neuroses. O que me define como uma mulher que não presta para se relacionar de nenhuma maneira.

Sou perdida para amar como todo mundo, mas não disfarço como a maioria. E a maioria vê em mim seus próprios defeitos e os aponta em mim, porque é mais fácil atacar o que está fora.

A verdade é que ninguém, no fundo, presta, mas só quem é realmente idiota para assumir é que

aparece e vira referência. Foi pensando assim que descobri minha serventia, a melhor de todas: espelhar o mundo imprestável em mim enquanto os outros vivem em paz com suas máscaras. Eu sirvo para o serviço sujo, enquanto os outros sorriem de banho tomado e roupas novas e caras.

Todos os dias recebo e-mails de pessoas que lêem meus textos e se identificam, e se emocionam, e me agradecem. É como se elas dissessem: que bom que você virou um símbolo de loucura, assim eu posso ser normal.

A mulher que não prestava é uma pessoa, como você, extremamente ordinária. Com a única diferença de que muitos escondem isso para sobreviver, e eu sobrevivo justamente mostrando.

Bom espelho.

Tati Bernardi

A retrospectiva dos idiotas

Outro dia briguei com meu ex-namorado por causa do gosto dele para mulheres, até onde sei, meninhas de balada que chamam o respectivo de “náááámo”, ratinhas de praia que vão para “maréééca”, putinhas que dão para todo o grupinho irado mas insistem em acreditar que suas amiguinhas são “cunhadiiiiinhas”. Um verdadeiro horror analisando a coisa em seu mérito cerebral.

Mas esse papo todo serviu para eu me lembrar das paixões que já tive ao longo da vida e baixar um pouco a bola.

O que exatamente foi o Leandro Cabeção? Um garoto feio que usava roupas amareladas embaixo do sovaco e tinha um capacete feito sob medida para caber a cabeça e o queixo. Toda vez que a gente brigava, entre uma e outra acelerada na Tereré, ele falava: “aí, lá vai ela querer entrar em ‘discursão!’”. É, eu falo tanto que parece um discurso grande mesmo.

Teve o Cacá, que soltava pum e se surpreendia com o barulho – “o que foi isso?”; teve o Gabi, que falava tanto “meu, tipo assim, cara”, que a conta de telefone vinha cara, mesmo a gente nunca chegando a nenhuma conclusão; e teve o Otávio, que, ai... será que eu conto?... Hummmm, tá: ele gostava de pagode e freqüentava o Avelino’s. O que é o “guaruuuu” perto de maréééca.

Ahhhhh, e como eu ia me esquecendo do André? Ele adorava brincar de esconde-esconde, mas fumava tanta maconha que acabava dormindo nos lugares onde se escondia e só aparecia doze horas depois.

O Marcelo bebia todas as vezes que a gente saía, e sempre no auge da bebedeira me dizia ao pé do ouvido: você é sensacional, gata, mas eu amo a Renata, eu amo aquela vaca!

Hoje em dia estão casados, com cirrose e pastando!

Teve o Carlão, que só usava roupas do Mickey, só me escrevia cartinhas de amor em inglês e chamava o pinto de Charles. E teve o Denis. Esse lia Freud e ouvia Chico, mas tinha um defeito ainda pior do que a burrice: não gostava de trabalhar. Durante dois anos eu paguei todos os seus ingressos do Espaço Unibanco.

A lista de pães-duros foi enorme e traumática. Teve o Silvio, que reclamava da gasolina que gastava para ir me buscar; o Márcio, que ganhava uma fortuna e em dois anos só me deu dor de cabeça; e teve o Gustavo, que rachava estacionamento de três reais.

De todos, o que me deixou mais de bode foi o Ricardo, menino médico do interior. Me fez viajar dez horas de ônibus para a gente copular e quando eu cheguei na casa dele... me colocou para dormir com a irmã virgem de 25 anos porque era um desrespeito com o papai dormir comigo.

Teve o namorado de três horas e o de três anos. Do primeiro eu enjoei porque ele tinha mania de querer me ver toda hora e, do segundo, porque ele tinha mania de não querer me ver. Uma coisa louca.

Eu imagino que todos eles também tenham suas listas de reclamações a meu respeito. Eu demorei muito para gostar de sexo e demorei séculos para viajar sem culpa de deixar minha mãe sozinha em casa. Eu tenho ciúme do cão, sou mimada, filha única, danço de um jeito estranho, choro todos os dias e não gosto nem de bebida nem de gente.

Ah, e eu traí todos eles, mas isso ninguém precisa saber.

O decote

Foi um tanto estranho o início da paquera: desviando de cocôs de cachorros milionários da Oscar Freire, nossos olhares se encontraram.

Duzentos e quinze reais. Por duzentos e quinze reais ela poderia ser minha. Linda, preta, cheia de detalhes malucos e um pouco de brilho. Putz, que dinheirão por uma blusinha. Muita grana mesmo. Eu não poderia gastar tanto numa blusinha. Seria total falta de maturidade, controle e senso de realidade. Jamais. Loucura. Não, nem parcelando, sei lá do dia de amanhã. Vá embora agora!

Em casa experimento minha nova blusinha (que agora que é minha, já não mais me causa a força de uma paixão platônica) e esqueço do valor: só vai cair mês que vem mesmo, até lá algo de extraordinário já terá acontecido em minha vida e esse valor será insignificante. Sim, eu fico linda com ela, e ela é realmente muito diferente. Mas a diferença não está nos detalhes malucos e tampouco no brilho: está na gola.

Ela tem uma gola, e isso me faz lembrar aquele branquelo meio loiro por quem eu fui tão apaixonada: no meio de tantos morenos lindos, um loiro branquelo. Ela era uma blusa de gola no meio de milhares de blusas com decote. Eu não tenho bunda, eu não tenho pernas torneadas, eu não tenho um rosto exótico, mas eu tenho peitos bonitos. Eu acho e muita gente também. Adorava mostrar os seios. Era a minha maquiagem, estava pronta. Era a minha segurança, estava preparada.

A blusa tem gola, e a gola é alta. Seria esse um passo positivo para a minha auto-estima? Estaria eu agora me bastando o suficiente para abandonar minha principal muleta de sensualidade? Havia acabado a minha tardia adolescência cheia de inseguranças e medos e eu seria agora uma mulher mais séria e confiante?

Sim, sim, eu estou linda com aquela blusa, mesmo com os peitos sufocados ali dentro. Eu não preciso ser sempre apelativa e sexual; eu posso, com todo o meu charme experiente, ser atraente sem mostrar nada. Eu estou pronta, inclusive para a vida.

Aniversário do amigo do meu amigo. Chego, entro soberba (toda mulher babaca chega soberba quando está usando uma roupa nova, toda mulher é babaca quando está usando uma roupa nova). Ninguém me olha. Quer dizer, meu amigo me olha, e comenta: você está diferente hoje, está triste?

Não, claro que não, como uma mulher com uma blusa daquelas poderia estar triste? Nem é só por isso também. Por que eu estaria triste? Sou uma mulher linda, madura e autoconfiante, não preciso de decotes.

Reparo que meu amigo, que sempre reparou em mim de maneira diferente, começa a reparar na mulherada da noite, se distanciando um pouco para que ninguém pense que estamos juntos. Reparo que os amigos do meu amigo fazem o mesmo.

Jesus! Que foi que eu fiz?! A gola começa a me pinicar e eu começo a imaginar quanto tempo eu perderia indo até minha casa e colocando um megadecote de fazer aqueles insensíveis se ajoelharem aos meus pés.

Calma, calma. Eu sou uma mulher formada, que trabalha desde novinha, que faz análise, que destrói lares e que escreve textos interessantes; eu não preciso de um decote. Arrisco uma conversinha com um dos amigos do meu amigo: adoro essa mistura de música eletrônica com bossa-nova, é tão inovador e ao mesmo tempo não passa de uma arte revisitada e...

Não acabo de falar, ele pede licença para mim e puxa de maneira selvagem (tenho nojo daquilo, mas ao mesmo tempo a percepção de estar diante de um homem das cavernas me excita) o cabelo de uma mulher decotada que passa se incomodando falsamente com o sucesso.

Chega! Chega! A gola agora me pinica de forma insuportável. Meu rosto esquenta, meu pescoço arde. Que foi que eu fiz da minha vida? Uma noite perdida! Essas mulheres todas, esses homens todos não imaginam o meu poder, não imaginam o quanto eu exalo sensualidade, o quanto eu posso ser provocante, o quanto eu posso ganhar de todos e ganhar todos. Tá aqui, aqui dentro, sufocada, a minha sexualidade está sufocada!

Calma, não, não é possível, eu sou uma mulher completa e não me resumo a um par de tetas. Não posso ser só isso. Sou muito mais. Tenho que provar pra mim. Meu charme não se resume aos meus seios. Tenho que provar pra mim.

Na tentativa desesperadora de ser sexy, começo a dançar forçando uma impossível naturalidade sexy. Cada movimento é duro, é sofrido, é infeliz. Rebolo e pareço uma criança, gorda e maltratada pelos colegas, tentando girar um bambolê. Levanto os braços naquela expressão máxima de liberdade, mas pareço estar pedindo para que alguém me tire dali. Faço beijo sexy, mas parece aquele beijo de criança mimada que antecede o choro carente.

Socorro, socorro, socorro. Vou me matar. Está decidido. Vou me matar. Não sei se quero enforcar a existência daquela gola estúpida ou a pessoa estúpida que a comprou (e ainda pagou duzentos e quinze por ela).

Estou sufocando, estou sufocando. Não consigo respirar. Um quase desmaio, somado a luzes e sons alucinantes, transforma minha realidade em *flashes* embriagados; nesses *flashes* eu sou pisoteada por peitos, chicoteada por peitos, enterrada por peitos. Preciso acabar com aquilo.

Saio correndo num impulso de sobrevivência (ninguém percebe porque ninguém percebe uma mulher com aquela gola maldita), agarro os ombros de um garçom magrelo, esbugalho os olhos e falo, como num último suspiro de socorro: me arruma uma tesoura, não agüento mais, não agüento mais, quero acabar com isso. Me arruma uma tesoura? Ele estranha e fala que não tem tesoura, mas que eu posso pedir ao segurança. Usando o resto de minha lucidez, imagino que ele tenha falado isso para que o segurança fique sabendo que uma suicida de gola alta quer acabar com a sua vida.

Quero acabar com ela e não quero mais perder tempo, ignoro a dica para falar com o segurança e vou

direto à recepcionista do hotel (estava no Cambridge, antigo hotel paulistano que virou balada na parte do bar). Tento ser calma tal qual os loucos espertos tentam ser normais para fugir da prisão: oi, a senhora poderia, por favor, me arrumar uma tesoura? Estou com uma etiqueta que está me matando e preciso...

Ahhhh, eu consegui, vibro. Eu consegui. Mal sabe a feiosa de uniforme que não é etiqueta coisa nenhuma. Eu vou acabar com esse sofrimento, não posso mais viver nesse mundo em que a minha presença não é notada. É o fim.

Caminho até o banheiro, tranco a porta porque aprendi cedo que minhas desgraças são ainda mais dramáticas se não tiverem platéia e começo a me degolar.

A serenidade volta no primeiro golpe de ar que sinto entrar. A beleza aos poucos se revela. Linda, linda. Atiro a gola nojenta numa lata de lixo.

Ainda com a tesoura na mão e o gosto do assassinato por legítima defesa no sangue, meço um exagerado comprimento e dou-me um presente que vale mais do que quaisquer duzentos e quinze reais: um superdecote.

A mulher que sou, pra sempre menina, volta e agradece. Sou mulher e muito mulher. Mulher do meu jeito, com as minhas necessidades. Cada um tem as suas, e das estranhezas nascem deliciosos charmes pessoais.

Que seja pelo fato de que seios fartos significam, na mente primata do homem, mulher fértil e boa amamentadora. Que seja porque os seios, de personalidade atrevida, imploram para serem chupados. Que seja pela saúde que exibem. Que seja pela felicidade que eles trazem, iluminando minha auto-estima e, portanto, me fazendo mais bonita. Seja pelo que for, voltei e arrasei. Não houve um puto naquela noite que não tenha me desejado. Não houve uma puta naquela noite que não tenha se intimidado.

Balada é guerra, e agora eu tinha minhas armas.

E-mail para Myla

Ontem eu acordei com aquela bola de pêlo no peito, a mão fechada ao redor da minha goela. De novo. Vira e mexe isso volta e, quando não volta como personagem principal, tá lá como coadjuvante, é eterna parte de mim. Mesmo se estou feliz, a bola vem avisar que felicidade é um descontinho que a realidade dá por você ter se levantado novamente.

Chorar melhora sempre, mas chorar também me deixa numa melancolia que atrai vários espíritos tristes; eu choro por tudo o que faz tanto sentido mas, se eu sentar pra te explicar em detalhes, vou parecer louca e estou meio com preguiça de sempre parecer louca. Prefiro fazer cara *blasé*, de obra de arte incompreendida.

Aqui no meu trabalho tem uma menina que tem a voz mole, doce, chata, caipira, velha. Cada vez que ela abre a boca eu sinto uma infelicidade tão grande que suspiro pesado e azedo, e olho triste para a cadeira vazia na mesa do meu chefe: se eu tivesse coragem sentava lá agora e comunicava meu sumiço. Eu encho minha gaveta de doces e a cada hora ponho um na boca, eu disparo pelo meu e-mail sessenta “oi, como é que vai?”, e passo o dia catando conversas pelo mundo afora. Tudo para não soltar um berro ou socar alguém.

Sábado eu estava numa festa e todo mundo ria, bebia e lembrava muitas coisas. Eu passei mais da metade da noite olhando fixamente para um saco de pão de forma e me perguntando o que ele fazia na fruteira se ele não era fruta.

Eu fico meio com síndrome do TOC quando estou assim pirada, e a confusão do mundo me incomoda tanto que eu queria passar meses arrumando a minha casa e fazendo listas de tudo o que precisa melhorar. De preferência, com luvas.

Como sempre faço há anos, liguei para aquele velho amigo; já deixou de ser emocionante e virou meio automático, sabe? Ele disse: “você nunca vai ser feliz enquanto der valor para coisas superficiais”.

A água aqui da agência tem um gosto estranho e eu acabo trazendo minha própria água, coisa que herdei da infância quando eu não gostava dos lanchinhos da cantina e era a única garotinha a levar lancheira. Eu carregava a minha esquisitice pelo pátio e desde cedo aprendi que ser a gente mesmo tem seu peso, principalmente quando sentimos a necessidade de realmente ser.

Às vezes eu acho que alugar um apartamento cheio de pôsteres de cinema, almofadas coloridas e festinhas com amigos bacanas e música boa resolveria meu problema, me entupiria do meu mundo a ponto de eu parar de sentir tanta falta de mim. Às vezes eu acho que casar e me encher de família resolveria meu problema, talvez me ver multiplicada resolvesse meu medo de não existir. Às vezes eu só queria dançar uma daquelas músicas idiotas da Jovem Pan, numa balada cheia de idiotas, e parar de

odiar tanto todo mundo.

Tem dias em que eu não sinto a menor vontade de beijar meu namorado, mas assim que ele vai embora eu beijo o azulejo do banheiro de tanta saudade que eu sinto dele.

Tem dias em que eu não consigo levantar da cama porque nada parece mais perfeito do que me esconder do meu cérebro dentro dele mesmo. Todos os dias eu me deito na cama e penso que deveria voltar ao boxe para aliviar o coração.

Eu perdi o deslumbramento com o amor, com o trabalho e com a beleza. Eu descobri que amor entedia, emprego não é diversão e belezas são relativas. O problema é que não soube substituir o meu deslumbre por acomodação, eu não sei me conformar com a chatice do mundo.

Mas o que exatamente seria uma vida extraordinária?

Nas poucas vezes em que senti algo realmente extraordinário, ou eu estava brincando de não ser eu, ou estava fazendo algo errado, ou estava vivendo algo que acabaria rápido e que jamais seria contaminado pelo tédio.

Viver extraordinariamente é isso, então? É estar fora da nossa própria vida? É viver pouco várias coisas?

É viver muito poucas coisas? É ser um personagem de um roteiro que a gente muda toda hora?

Na hora do almoço fui até o shopping e parei em frente de um *pet shop*. Vi o cachorro mais fofo do planeta e ele me olhou com a alma mais pura do mundo. Fiquei pelo menos uns cinco minutos ajoelhada olhando fixamente para ele e querendo muito que ele fosse para casa comigo. Seria tão simples, a gente se apaixonou, a gente trocou olhares, a gente quis se conhecer melhor, a gente precisava um do mundo do outro.

Mas eu não tenho espaço na minha casa, eu não tenho grana e eu não tenho tempo. Larguei o cãozinho bebê jogado no meio de um monte de jornal molhado e ele ficou me olhando como se eu fosse a primeira e única decepção da sua curta vida.

A lógica sempre ataca nossos instintos e transforma desejos em elaboradas impossibilidades. Queria apenas ir ser selvagem, como diz aquele poema do Fernando Pessoa, ir ser selvagem apenas, acho que a angústia humana é o nosso lado animal reprimido.

Eu sei, eu sei, o mundo tá cheio de gente alagada, sofrida e morrendo. Tá cheio de guerras, explosões, corrupções e doenças. E eu sou fútil com a minha tristeza sem desgraças.

Mas não seria ainda mais fútil e desgraçado eu ser feliz nesse mundo?

Sei lá, é só mais um e-mail bobo, se a gente tivesse nascido em outro tempo, seria uma carta boba. O mundo vai se modernizando e a gente continua com a mesma angústia pré-histórica aqui no peito.

Eu não sei voar

Ela pisou sem dó no meu meio-sorriso, fazendo-o virar um pavor inteiro e verdadeiro.

Eu me canso dos meus meio-sorrisos tanto, tanto, que prefiro que a vida seja assim mesmo. E aí me pergunto se chorei de tristeza profunda ou alegria libertadora, o que acaba dando no mesmo porque minha profundidade me liberta.

A barata preta, enorme e voadora, posou no canto da minha boca. E eu pude chorar todos os meus medos no seu sofá e eu pude ficar curvada do jeito que a minha sombra, que só eu vejo, é. E eu pude borrar todos os meus disfarces e ficar feia sem culpa, porque a dor consegue ser sempre maior do que qualquer culpa, por isso o meu vício em sofrer.

Eu chorei a nossa imperfeição, eu chorei a saudade enganada da nossa perfeição, eu chorei a nossa necessidade de não se largar, eu chorei a nossa necessidade de se largar, a nossa necessidade de fugir do mundo em nós e a nossa necessidade de fugir de nós encontrando amigos.

Eu chorei o nosso ego que sempre tem respostas para tudo e não pode perder, chorei o nosso silêncio cansado de perguntas e desprovido de interesses, a pobreza do mundo que nos impossibilita de sermos felizes sem culpa, a falta de simplicidade que eu tenho para ser feliz, e eu chorei o espaço da nossa alma que ainda falta evoluir.

Eu chorei o nosso medo de não sermos o que sonhamos. Eu chorei o medo que eu tenho de não ser quem você quer e o medo que eu tenho de ser exatamente o que você quer.

Eu chorei porque precisava de colo, porque precisava te mostrar a minha fragilidade escondida no meu mau humor. Eu chorei de birra do meu lado homem.

Eu chorei porque vez ou outra o outro ainda bate na minha porta e eu o deixo entrar, e eu sei que isso é medo do tanto que você habita todos os lugares.

Eu chorei porque eu te amo, mas eu não sei amar. Eu chorei porque eu sempre canso de tudo e tudo sempre cansa de mim. Chorei de cansaço profundo de sempre cansar de tudo e tudo sempre cansar de mim. Chorei de apego ao cheiro do novo e principalmente de melancolia pelo cheiro do velho. E chorei porque tudo envelhece com novos cheiros e a vida nunca volta. Eu chorei de pavor da rotina, de pavor do fim, de pavor de sair da rotina e começar outros fins.

Eu chorei meu medo de submissão, o meu medo de vomitar, o meu medo de me mostrar pra você tanto, tanto, e não ter mais o que mostrar. Eu chorei minha infinidade de coisas e o medo de você não querer abrir os mais de um milhão de baús que existem escondidos na caixa cerrada que eu guardo embaixo do meu peito. Eu chorei meu fim e o medo do meu infinito.

E eu teria chorado cinco anos se você não me dissesse que já era hora de parar. E eu chorei depois

cinco anos escondida, porque eu não sei a hora de parar e não quero que ninguém me diga.

Aliás, eu quero sim. Eu quero que você me diga quando for a hora de parar, de continuar e de não pensar em nada disso.

Eu quero que você me acorde com uma lista de horas e outra lista de anos e outra lista de encarnações. Eu quero que você me dê a mão e me ensine o que é um relacionamento porque eu só sei andar de quatro, cheirando xixi nas ruas e rabos alheios.

Eu quero que você me ensine a ser uma mulher para você.

Ao mesmo tempo, eu quero que você suma porque eu só quero ser uma mulher para mim. Eu me quero só para mim.

Era minha a dor de ser solitariamente para mim. E você a substituiu pela dor de não querer mais ser solitariamente só para mim. Mas tudo é dor afinal, e eu não sei ser leve, eu não sei voar, mas a barata que voou para o canto da minha boca sabe.

Eu carrego o esgoto no meu ventre negro, mas não sei voar como ela. Por isso ela ainda consegue ser melhor do que eu.

E com todos os meus poderes para estragar a vida de alguém, eu ainda tenho medo da barata. Porque ela sabe ser misteriosa, ela sabe incomodar sem abrir a boca, ela sabe enojar o mundo com sua meleca branca sem ter de mostrá-la a ninguém.

Ela é muito mais misteriosa do que eu.

Em comum temos as chineladas do mundo e todos os seres amedrontados que querem acabar com a nossa raça. Mas o poder dela ainda é muito maior do que o meu, porque ela não ama, ela não se sente traída pelas chineladas do mundo.

Ela não sabe o que é não entender nada desse mundo e ter medo do tempo. Ela não sabe o que é ter nas mãos o poder de construir e destruir, e ter tanto medo desse poder.

Ela vive no esgoto e não sabe o que é ter tanto medo dele.

Ela aparece sem ser desejada e não sabe o medo que não ser desejada causa.

Ela é uma barata e nunca vai saber o medo que a gente sente de se sentir uma. Barata não sente dor.

E eu chorei tanto que finalmente transformei meu meio canto de boca num bico inteiro. E chorei porque tenho tanto medo de tudo o que é inteiro, que prefiro viver tudo na cabeça, enquanto o corpo relaxa na minha cama, longe de tudo.

Eu deito na minha cama e imagino tudo o que pode acontecer, enquanto não toco de verdade na vida para não cansar demais e depois não ter forças para viver de verdade. Mas acabo dormindo e deixo pra depois.

Mas eu chorei justamente porque descobri que viver na cabeça também é um tipo de coragem, porque eu não protejo a alma de feridas nem de descanso.

Mas aí ela, preta, imunda, nojenta, indesejada, um pedaço do esgoto, voa em minha direção e me coloca em movimento. E eu corro pra bem longe e não penso, só corro.

E isso é tão diferente para mim, estar em movimento de fora para dentro, que eu choro de emoção.

Eu não pensei, eu vivi. Eu corri dela, eu vivi o medo. Eu vivi o nojo. E eu chorei de dor de sair da minha bolha interna.

Ela me fez ter vontade de gritar para o mundo nojento para que ele deixe meu coração em paz. Meu coração que quer amar em paz e esquecer que a vida pode ser nojenta.

E eu corri de tudo o que é nojento, e eu chorei porque com tantas coisas lindas me acontecendo, eu precisei de uma barata para me lembrar de sentir a vida fora da minha bolha.

Ela perfurou minha proteção e me fez sair da minha rotina. Ela invadiu tudo e me lembrou de que as coisas podem dar errado sim, quando menos se espera, e não adianta nada estar com o chinelo preparado na mão para se defender da vida.

A vida voa na sua cara, esbarra no seu rosto, suja sua vaidade, corrompe suas certezas, e você não pode fazer nada. A não ser lavar o rosto e começar tudo de novo.

Eu só queria um namorinho de ortão

Não, você não precisa ter o abdômen do mocinho da novela, afinal eu adoro meus peitos naturais que se mexem de leve quando eu corro e desaparecem um pouco quando eu emagreço demais. Acho até que posso ficar com sua barriga pra sempre, mas já faz tempo que não acompanho nem uma semana seguida de nenhuma novela.

Eu não quero que você me busque num superpotente carro, eu só quero que quando você me beije, eu não deseje mais nenhuma força do universo. Estou pouco me lixando se o restaurante tem várias cifras no “Guia da Folha”, mas gostaria muito que a gente esquecesse das mesas ao lado e risse a noite toda; eu até brindaria com água sem bolhinhas.

Sério que tem uma pousada megamaster com ofurô em cima da montanha e charretes cor-de-rosa que trazem o café da manhã? Dane-se, se você conseguir passar, nem que seja algumas horas, encantado pela gente, essa será a maior riqueza que eu poderei ganhar.

Sim, a tecnologia é mesmo fantástica, só que hoje eu queria sumir com você para um lugar onde não pegasse o celular, não pegasse a internet, não pegasse a televisão, mas que a gente, em compensação, se pegasse muito.

Sim, sim, música eletrônica é demais, celebrar a vida com os amigos é genial, pular bem alto é sensacional. Mas será que a gente não pode colocar um Cartola bem baixinho na vitrola e dançar sozinhos no escuro, só hoje? Será que a gente não pode parar de adjetivar o mundo e se sentir um pouco?

Eu procuro você desde o dia em que nasci; não, eu não dependo de você nem para andar, nem para ser feliz, mas como seria bom andar e ser feliz ao seu lado.

Só que estamos com um problema: vai ser um pouco difícil a gente se conhecer porque tenho evitado sair de casa.

Eu não odeio mais as garotas em série e seus namorados em série, eu não odeio mais a sensação de que o mundo está perdido e as pessoas lutam todos os dias para se parecerem ainda mais com o perdido ao lado, se perdendo ainda mais.

Eu não odeio mais quem cuida do corpo mas esquece da alma, quem cuida do cabelo mas esquece da mente, quem cuida da superfície mas faz eco por dentro, quem coloca um peito de silicone mas esquece de dar mais uma chance ao amor.

Eu não odeio mais a galera feliz em pertencer a um mesmo barco que não vai a lugar nenhum. Eu só

acho isso tudo muito triste e prefiro não ver. Eu prefiro não fazer parte da feira que compete pra ver quem tem a casca mais bonita.

Vão eu sei que você não vem, até porque eu jamais namoraria um super-homem: tenho horror a pessoas falsamente infalíveis.

Não quero um homem que sempre vença, que sempre impressione, que sempre salve e sorria impecável em dentes brancos e músculos ressaltados por um *collant* com as cores da bandeira americana.

Você pode ter medo de monstros imaginários e dormir com a porta trancada; pode ficar meio tristonho quando, numa festa cheia de amigos, lembrar que é sozinho no mundo; pode perguntar assustado no meio da noite “aonde você vai?” mesmo sabendo que é só um xixi; pode até fazer piada com o seu medo de estar vivo; e pode, inclusive, ficar sério e quieto, de repente, por causa disso também.

Não existe Orkut, não existe Messenger, não existe celular, não existe um supercelular que é máquina fotográfica, Orkut e Messenger ao mesmo tempo. Não existe o décimo quarto andar do meu prédio com oito seguranças lá embaixo. Não existe a balada perfeita com 456 garotas iguais e programadas para te dar um amor levemente inexistente. Não existe esperar que a vida fique mais compacta, mais veloz, mais completa e mais fácil, assim como o computador.

Existe essa coisa simples, antiga e quase esquecida pela possibilidade infinita de se distrair com as mentiras modernas do mundo. Existe o amor, mas aonde ele foi parar depois de tudo isso?

Eu não tenho um portão para te esperar, como minha avó um dia esperou pelo meu avô e eles ficaram juntos por setenta anos. Talvez eu também seja engolida por esse mundo que cria tantas facilidades para a gente não sofrer. Tenho medo de que tudo seja uma mentira e de verdade sinto que é, mas ainda acordo feliz todos os dias esperando que ao menos você seja de verdade.

Fadinha de cu é rola ou como ser muito preconceituosa

Eu tive um namorado que insistia nas roupas da Les Filós. Ele me dava blusinhas cheias de babados com brilhos e um dia me fez experimentar um sapato altíssimo, rosa e com laços. Eu andei dois metros e teria morrido se a vendedora não tivesse corrido para me segurar na escada.

Passei quase um ano sem sentir prazer com ele porque boneca de cera não goza. Transar é que nem comer manga, se você cortar em 24 quadradinhos perfeitos e comer educadamente de garfo, já deu tempo de ela secar. Bom é fiapo no dente e queixo babado.

Eu tive outro namorado que só me deixava usar calcinhas de renda branca porque as de renda preta eram vulgares... e as temáticas escritas “me foda agora ou cale-se para sempre” eram dignas da fogueira da Inquisição.

Era um chato. Um belo dia eu dei um pé nele e fui ao cinema sozinha e sem calcinha. O máximo da liberdade.

Sempre que eu fiz pose num pufe colorido de uma balada *lounge* ou cara *blasé* encostadinha no bar, choveram idiotas. Sempre que eu me acabei que nem uma louca na pista de dança e suei e borrei a maquiagem, eu afastei os playbas idiotas. Graças a Deus. Odeio os playbas e suas namoradinhas fadinhas que acham o Woody Allen um tio até legal quando querem parecer cultas em alguma festa do DJ gringo do momento.

Ahhhhhh, como é difícil pertencer a alguma coisa. Eu adoro praia, mas qual a exata quantidade de neurônios da galerinha Maresias-surfe-Sirena? Eu adoro *happy hour*, mas qual a chance de eu agüentar o bar 6:01 com aquela galera “firma” combinando o sapato de couro falso com a bolsa de couro falso acompanhados de um mister MBA que não dá no couro?

A galera que se esconde em bares sujos e usa *piercing*, definitivamente pessoas *freaks* e que não passam a certeza de um banho recente, não é a minha. Muito menos a galera *black music* que faz fila de semelhantes em série em novíssimas casas noturnas na vila Olímpia (a casa já reabriu 150 vezes com nomes diferentes e donos filhinhos de papai diferentes) e distribui *flyers* com desconto. A palavra *flyer* me dá vontade de encarnar um americano fanático por joguinhos eletrônicos e sair metralhando todo mundo.

Sei lá, nada contra, tá? De repente você gosta de mim e se encaixa num desses perfis... não fica com raiva de mim não, eu sofro sendo assim, eu sofro porque, quando você acha mais da metade do mundo babaca, você passa muito tempo sozinho.

E a galera de ripongazinhas que compra na Benedito Calixto e frequenta os bares de MPB da vila Madalena? Não, eu gosto muito do Chico e tudo mais, mas aqueles tios de jaqueta de couro com um banquinho, um violão, uma pasta com plásticos e uma platéia entoando “Me levaaaa amor. Amooooooooooooor. Por onde for, quero ser seu paaaaaar” é a morte para mim.

Acho a galera das “balas” muito idiota. O que é exatamente uma pessoa que espera “bater” para começar a se divertir? E pergunta pro cara do lado: “e aí? Bateu?”, e o cara do lado responde: “tá batendo, tá batendooooo!”. Que porra é essa? Um concurso de punheta? Gente! Por que vocês insistem em parecer idiotas?

Acho *rave* um saco porque dura demais, não gosto de nada que dura demais num mesmo ritmo, chega uma hora que você implora pra alguém desligar o liqüidificador do seu cérebro.

Talvez meu problema seja não beber nem usar nenhum outro tipo de droga; é o tempo todo a realidade do mundo fazendo clarão na minha mente preconceituosa, as coisas me cansam demais, ter sempre o controle me cansa demais. Mas ficar com cara de idiota e fazer fila pra vomitar não é a minha não. Sei lá, sou careta. Se precisa beber pra aturar, concorda que é insuportável?

Mas odeio os caretas que acordam cedo e se comportam sempre equilibradamente na valsa do mundo corporativo, odeio a comunidade “namorada perfeita” ou coisa semelhante que me contaram que tem no Orkut. Meninas alisadas, de mãos feitas, de sobrancelhas limpas, cheias de posturas, beicinhos e educações. Meninas meigas, que jamais falam “ai, o meu caralho; ai, a minha bu... cabeluuudaaa!”, mas tratam garçons mal e adoram olhar bundas de homens: bem ali onde fica a carteira.

Adoro um palavrão, adoro a palavra cu (e acho o cúmulo ela não ter acento). Ela bem usada é uma excelente economia de terapia.

Nunca fui da turma dos *nerds*. Eu estudava pra fazer média cinco e acabar logo com aquele tormento dos grupinhos bacanudos na hora do recreio. Um monte de idiotas fãs do Brendon Walsh ou da Giovanna Baby.

Tinha a Fabíola, a Dani e a Melissa. Elas falavam pra mim: “você até podia ser bonitinha se não fosse estranha”. E hoje em dia eu digo a elas: “vocês até poderiam ser interessantes se não fossem normais”.

O mundo inteiro é mais um em meio a tantos, e eu prefiro ser única no meio do nada.

Na faculdade tinha o grupo das meninas que trabalhavam na Daslu e não tiveram capacidade para entrar na Faap porque matavam aula do cursinho para fazer unha francesinha. Tinha o grupo que nem pensava em largar a maconha para começar a trabalhar, mas comprava camiseta do Che Guevara com o dinheiro do pai gerente de banco. Em todos os lugares que eu trabalhei sempre identifiquei o grupo das meninas caçadoras de homens ricos que trabalham só até descolar um gerente, chefe ou assistente promissor.

Tem as meninas atrasadas mentalmente que, com trinta anos nas costas, colecionam adesivos de ursinhos; tem as cachorronas em suas calças brancas agarradas atrás de uma banda de axé, pagode ou qualquer merda do gênero; e tem também a pior espécie do mundo: a jornalista andrógena

superdescolada que, de tanto ser contra o machismo, acaba virando assexuada. A mulher que não precisa de pinto vira a típica “isso é falta de pinto”.

Eu uso All Star vermelho sujo com calça dobrada e tenho uma bolsa Adidas; sim, eu sou daquelas publicitárias que combinam almoços, falam da vida dos outros publicitários, namoram publicitários e gostam do Ritz, do Jacaré, do Drosóphila e do Espírito Santo.

Eu sou daquelas publicitárias que só vão a lugares com publicitários e reclamam que ali só tem publicitários.

Eu sou mais uma escrota escondida numa tribo qualquer para essa vida parecer menos idiota, só que todos os dias a idiotice da vida me dá um tapa na cara e eu corro para ler um livro do John Fante, ver um filme do Woody Allen e ouvir *jazz fusion*. E aí me sinto mais “publicitária” ainda, é um inferno.

Eu apenas sou inteira e exclusiva quando estou aqui, no escuro do meu quarto, escrevendo essas bobagens. Sem ninguém por perto, tirando meleca do nariz, admirando minha foto gorducha com cinco anos de idade. Eu sou inteira aqui, aqui eu não tenho medo de nada, não me acho menos do que ninguém e não tenho medo de ser sozinha.

Eu encontrei minha exclusividade por trás da minha falsa aparência e isso me faz lembrar todos os dias de que ralar esses dedos até sangrar é muito melhor do que malhar a bunda numa esteira de academia e pertencer à tribo das meninas que nem precisam abrir a boca para chamar a atenção. E, aliás, é bem melhor que elas não abram.

Gira-gira

Eu tinha treze anos, ele uns quinze. Não me lembro o nome exatamente, mas me lembro que ele torcia para o Palmeiras e, quando tinha jogo, eu escutava seus berros desafinados.

Ele tinha as sobrancelhas grossas e pulava na piscina gelada sem medo de levar bronca da mãe. A roupa dele tinha cheiro de amaciante e, por alguma razão, aquilo me trazia conforto.

Um dia ele olhou bem no fundo dos meus olhos, apertou meu braço e disse que à noite eu teria uma surpresa. Eu esperei por ele a madrugada inteira, de pé, espiando pela janela do meu quarto.

Meu quarto ainda tinha bonecas e bichinhos de pelúcia, e todos eles tiveram pena do meu cansaço e da minha ingenuidade.

No dia seguinte eu acordei sem hálito de criança e perdi pra sempre o doce da boca. Eu tive minha primeira azia com lactose no café-da-manhã e vomitei. Foi a última vez que vomitei na vida.

Eu tinha dez anos, ele também. O nome era Felipe e ele sentava duas carteiras à frente da minha. Ele jogava bola tão bem que podia faltar na aula para ir aos campeonatos da escola.

Um dia ele escreveu “te amo, quer namorar comigo?” num bilhete e entregou para mim. Eu me lembro que li e tive uma tontura tão grande que achei que fosse morrer antes da prova de matemática (e fiquei feliz, porque não tinha estudado).

Quando eu dobrei o bilhete, estava escrito “Melissa”. Ele tinha dado o bilhete apenas para eu entregar para a menina que sentava atrás de mim.

Eu senti tanta vergonha, tanta vergonha, tanta vergonha, que pedi à professora para ir ao banheiro. Quando cheguei ao banheiro fiz várias caretas para o espelho. Até hoje não sei por que exatamente. Talvez eu quisesse ficar tão feia quanto estava me sentindo.

A calça de moletom da escola me deixava horrível, e eu amarrava uma blusa na cintura. A Melissa não precisava disso, ela ficava linda naquela calça, ela era bailarina. Eu apertava tão forte aquela blusa na minha barriga, que as marcas do elástico ficavam por quatro dias desenhadas na minha pele.

Eu tinha cinco anos, ele seis. Ele se chamava Thiago e tinha um irmão chamado Pablo. Ele corria tanto com o gira-gira que eu achava que meu coração fosse pular pela boca. Ele colocava a mão sobre a minha quando eu fazia que ia sair do gira-gira, e apertava a minha mão. Eu sempre fazia que ia sair só para ele colocar a mão sobre a minha.

Um dia eu simplesmente o agarrei e dei um beijo de língua nele. A professora chamou minha mãe na escola para contar e minha mãe, puxando de leve a minha maria-chiquinha, perguntou à professora quem era o Thiago.

“É aquele ali na aula de ginástica.” Quando olhamos, ele estava todo sujo e com o nariz escorrendo.

Eu ouvi da minha família toda, até poucos anos atrás, que eu gostava de “ranhentos”.

Um dia ele me trocou pela Dani, uma garotinha de sardas que tinha irmãos e não usava botinhas ortopédicas. Eu me lembro até hoje de ter perguntado à minha mãe se sardas eram doença. Torcendo muito para serem.

Hoje eu tenho 25 e eles têm idades, nomes e manias variadas. E por mais que eu olhe para o meu escarpim, ainda vejo aquelas botas grosseiras numa canelinha fina.

As Danis com sardas e Melissas bailarinas ainda existem, e elas continuam tendo a família mais descolada do mundo e ficando lindas em calças de moletom. Por mais que meu corpo durma, minha alma continua na janela esperando você aparecer, ingênua e cansada.

Eu continuo acordando todos os dias com saudade do doce e com medo do azedo. Eu continuo fazendo caretas e sou a única que não vejo muita graça nelas.

O gira-gira não pára nunca, meu coração continua acelerado e eu continuo fazendo que vou pular fora para você me socorrer. Para você segurar bem firme na minha mão e me fazer ter coragem de arriscar o vento na cara e o mundo muito rápido. Coragem para o mundo que dá tantas voltas.

Eu ainda espero chegar a minha vez de receber o bilhete “te amo, quer namorar comigo?”, apesar da blusa na cintura e das marcas causadas por ela e por todo o resto.

João e (a velha) Maria

Duas vezes eu quase morri de saudades de você. Uma quando eu vi *Closer* e lembrei que o amor, como deveria, não existe. E outra, quando escutei sem esperar a música “Quem te viu, quem te vê” e lembrei que você era um pedaço charmoso de tudo o que o mundo e a vida têm de mais charmoso. Doeu lembrar ou aceitar que esse pedaço não existe mais nem no predinho azul, nem no sofá azul. Neste dia você finalmente morreu, e eu chorei de luto sem teatro, de luto não atual, de resto de luto. De um luto morto.

Você namora, casou, sei lá, com a menina de bolsas e saias bonitas que não tem cara de louca. E essa é a minha vingança, porque eu sei que você é mais feliz sem loucura, mas a felicidade e a normalidade não existem. Eu ainda acho que a gente tinha alguma verdade que faz você, nem que seja a cada cem anos, arranhar um Chico Buarque em meu luto. Um luto cheio de vida.

Veza ou outra, chegam aqueles seus e-mails que você responde por educação e são cheios de frases quase íntimas, envoltas pela maior frieza do mundo. É como se a cada letra você reafirmasse que somos amigos cheios daquela inteligência de camaradas descolados e bem resolvidos que, como tudo na vida que ainda respira e tem cor, seguiram em frente.

Sim, somos isso mesmo, claro. Mas eu caguei para tudo isso e fico com o seu abraço naquele fim de festa estranho em que você foi o DJ e, para a minha surpresa, me fez matar a saudade do meu mundo.

Eu fico com as danças que sem nenhum medo das críticas eu improvisei para o nosso espaço no universo. Dancei como uma bailarina que volta a funcionar milagrosamente e pela última vez, numa caixinha de música quebrada.

Eu fico para sempre com o que você plantou em mim, essa erva do mal. Você sabia que me tornei uma mal-humorada pseudo-intelectual totalmente insuportável e crítica? Você ao menos era culto de verdade.

Você está bem onde está, eu estou bem onde estou. Mas, como aconteceu naquele dia na praia, em que eu passei indo com meu novo amor e cruzei com você, vindo com seu novo amor, não tem como a gente não olhar para trás.

Linha cruzada

E agora que eu tenho certeza que você não é aquele, eu me descubro cagando um monte pra tudo isso.

Porque você não é perfeito, mas o homem idealizado não tem o maldito cílio torto que eu amo tanto e que vez ou outra te causa alguma remela.

O mala do cara dos meus sonhos não tem o desenho da sua boca: com mais tinta do que contorno.

O homem perfeito é um puta de um chato com seus CDs *cults* e cartazes de filmes europeus pela sala. Você com aquele seu vinil incansável do Bob Marley é muito divertido, porque a gente briga até não agüentar mais por causa dele e depois faz as pazes transando do nosso jeito.

Porque o homem perfeito é cheio de estripulias sexuais, mas eu detesto estripulias e adoro nosso jeito intenso de se amar cheio de inconformismos com a intensidade.

Eu sonhei sim com esse cara, que me levaria para tomar sopas quentinhas em lugares com *jazz* e olharia para mim a noite toda achando que maior diversão no mundo não poderia haver.

Mas você com essa sua mania de encher de amigos as pizzarias e soltar um ou outro “irado” me faz te odiar tanto e querer tanto a sua atenção. E me faz querer tanto você daqui a pouco, porque você não enjoa. Você me cansa demais, mas não enjoa.

E quando você me cansa eu enfio a minha cabeça no fortinho do seu peito malhado, eu que sempre odiei os malhados, e peço a Deus para que eu nunca desista de te odiar tanto assim, porque não pode existir ódio mais cheio de borboletas, notas musicais e passarinhos azuis.

Eu quero sim te matar, porque você tem uma mania surda de responder a todas as minhas perguntas com um “ahhn?” enjoado, e eu quero te socar porque você já descobriu tudo o que me irrita e gosta de me ver assim. Mas quando qualquer outra coisa no mundo me irrita, eu lembro que eu tenho você pra me fazer sentir essa raiva nossa de *sitcom* inteligente.

Não somos um casal melado, mas duvido que tenha alguém que duvide do nosso amor. Quer dizer, tem eu, mas eu sou louca. E o homem perfeito teria a maior paciência do mundo em me curar dessa loucura, e você tem a maior paciência do mundo em aumentar a minha loucura.

Mas eu preciso da minha loucura para escrever coisas geniais e ganhar dinheiro com isso. E sustentar você, que, apesar de ganhar bem, é um vagabundo que dorme demais e quer largar tudo para morar na praia. O homem perfeito não é um boa-vida não, mas certamente eu o trairia com um, com cara de sonso despretenso para a vida, enquanto eu coleciono rugas, berros e inchaços. A sua cara de “não é comigo” vai muito bem com a minha máscara de agressividade que acredita que tudo é comigo.

Nossa dança num baile de máscaras é eterna, porque quando eu peso a mão, você me faz voar. E quando você perde o chão, eu te dou um soco na cabeça pra ver se achato a sua alegria pra caber na

minha.

Você cabe de sobra na minha intensidade, e acaba que a minha neurose fria é o quentinho da sua cama.

E o homem perfeito tem um beijo profundo e ritmado, que, de tão melado e encaixável, me deixa saciada de um jeito que encerra o meu desejo. Você tem um jeito caótico de me beijar meio burro, porque se eu vou para um lado, você vai para o mesmo. E é nesta única hora, em que você não deveria concordar comigo, que você concorda.

Eu nunca me dou por satisfeita, e acabo achando que a gente ainda nem deu o nosso primeiro beijo, o que me causa uma ansiedade de paixão inicial que não deixa o peito relaxar.

É cansativo viver sem vírgulas porque eu respiro a sua existência 24 horas por dia, e só coloco vírgulas teatrais para você não enjoar de mim.

Amar você não é fácil, é quase antiamor. É muito, quase como se você nem existisse, porque só o homem perfeito mereceria tanto sentimento. E eu te anulo o tempo todo dizendo para mim, repetindo para mim, o quanto você falha, o quanto você fraqueja, o quanto você se engana.

Fazendo isso, eu só consigo te amar mais ainda. Porque você enterrou meu sonho aprisionado pela perfeição e me libertou para vivê-lo.

E a gente vai por aí, se completando assim meio torto mesmo. E Deus escrevendo certo pelas nossas linhas que, se não fossem tão tortas, não teriam se cruzado.

Mais um dia daqueles

O peso da mão do meu namorado acordou diferente naquele dia. O que era aquilo que ele estava fazendo em mim? Carinho? Sai, me larga, não tá vendo que você está ensebando toda a minha escova e desarranjando o meu cabelo?

Justo o meu cabelo. Você sabe quanto tempo leva para a franja lateral ficar do jeito que eu gosto? Você sabe o trabalho que dá ter um corte de cabelo com franja lateral? Ou você toma todo o cuidado do mundo ou acorda com a cara do Chitãozinho. Que beijo no pescoço o quê? Fica aquele cheiro de cuspe depois, um horror.

Ele levanta da cama bufando. Muito mais difícil do que comer uma mulher difícil é comer uma mulher num dia difícil. Os meus seios ficam lindos quando estou para menstruar, mas dessa vez ele toma um banho frio para espantar outro tipo de desejo: o de me espancar.

É incontrolável te odiar hoje, meu amor, dá para entender, querido? É incontrolável não ser irônica hoje, chuchu.

Na academia reparo em todas as bundas duras e fico tentando adivinhar o QI das vacas. De tanto olhar para as bundas alheias, perco completamente a seqüência dos exercícios, me olho no espelho e vejo uma pata perdida no meio de bundas duras e perfeitas.

Concentração, coordenação e amor-próprio inexistem nesses dias. Só há espaço para neuroses, como bundas duras e cabelos lisos. E essa professora maluca, por que fica gritando AULAAA de cinco em cinco minutos? Nós já não estamos aqui, fazendo a porra da aula? Se é para incentivar, ela deveria gritar HOMENS, que é o que vamos conseguir com bundas duras. Ou então, DINHEIROO, que também anima e é mais fácil conseguir com uma bunda dura.

Esqueci os chinelos. Sua puta esquecida de bunda mole, como você pode esquecer o chinelo? Agora vou ter de pisar nesse chão cheio de cabelos, aiaiaiai. Você escolhe: ou pisa nesse chão, ou vai trabalhar sem tomar banho. Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três. Sei lá o que fazer; assim como a memória, decisão inexistente nesses dias. Tomo banho odiando o chão em que piso, sabendo que assim vou permanecer por mais três dias.

No caminho para o trabalho sou tomada por uma intensa ansiedade exagerada, típica desses dias, e tenho a real impressão de que estou parada no mesmo lugar há três horas. Sentindo escorrer pela nuca um suor assassino, começo a procurar o culpado pelo trânsito. Quem foi o filho-da-puta que parou com a porra da avenida? Onde está a perua Kombi clandestina que quebrou? Tomara que seja apreendida. Cadê o culpado, cadê? Motoqueiros, taxistas, playboys e tias barbeiras, qualquer um pode ser o culpado, todos são culpados. O mundo é culpado.

Quero gritar, aumento o rádio. Ah, não, Djavan hoje não vai dar, vou jogar esse CD pela janela. Romance, amor, melação, só tem corno nesse mundo mesmo!

Chego ao trabalho. Já entro sem dar bom-dia, que é para que todos saibam que hoje não é um bom dia para mexer comigo. Já entro curvada e esbaforida, que é para que vejam que estou cansada, não me venham com muito trabalho.

Já entro com cara de choro, que é para que me papariquem. A carência nesses dias é tão grande que cada célula do seu corpo parece estar vazia, cada ombro ganha cara de muro das lamentações e cada pessoa sentada parece ser um colo gigante.

Não vai me dar bom-dia? Não, seu idiota, não vou te dar nada, muito menos bom-dia; desista, cresça, bata uma punheta. Olho os e-mails, sempre a mesma merda: textos utópicos e babacas que acompanham imagens felizes e insuportáveis do *image bank*, correntes de oração pela paz que não existe e nunca existiu, ex-namorados com saudade (lê-se: vontade de dar uma sem grandes investimentos), amigas chatas reclamando que estão se sentindo sozinhas depois que acabaram a faculdade (elas é que são chatas e a culpa é da faculdade que acabou), e nenhum, nenhum e-mail daquele filho-da-puta, o único e-mail que você queria receber, ele que se foda também.

Mesa cheia de trabalho, cheia de contas para pagar, nada disso importa, uma espinha imensa nasceu no meio da sua testa, bem no meio, não dá nem para disfarçar com a franja lateral. O celular toca, é ele, ou melhor, é uma proposta de emprego com tudo a que se tem direito, inclusive sexo casual com o mais inteligente e charmoso da agência. Nada disso, é só a minha mãe com todo o seu amor incondicionalmente materno, aquele a que é impossível corresponder, ainda mais nesses dias. Claro que sou grossa com ela, claro que me odeio por isso depois.

Almoço cercada de cigarro, as únicas pessoas que combinam com a minha alma nesses dias são as fumantes – reclamonas, estressadas e ansiosas. Elas me aturam sem notar que acabaram de exercer a tarefa mais difícil do dia. Volto pra casa chorando, claro que arrumei briga com alguém, não lembro quem foi, mas ele me paga. Claro que fui injustiçada, não lembro por quem, mas tem volta. Claro que ele não me olhou, eu não estava olhando pra ver, mas tenho quase certeza de que fui ignorada. No final do dia, um alívio, consigo dormir um pouco mais em paz. Não, não foi a menstruação que chegou, foi a Cida que saiu, foi eliminada do *Big Brother Brasil*, agora só falta me livrar dos outros.

O amor é uma doença

Eu não sei guardar coisas. Se eu compro chocolates, como todos no mesmo dia. Se eu compro balas, chicletes, devoro todos em minutos, compulsivamente.

Detesto saber que algo me espera, quero acabar logo com aquilo.

Não sei lidar com a responsabilidade da felicidade. A felicidade guardada na bolsa ou na vida.

Eu tenho um homem lindo me esperando essa hora, e eu quero com todas as células do meu corpo ir ao encontro dele. Mas eu não sei lidar com tanta felicidade, por isso estou planejando a morte dele.

Estou planejando matá-lo com minha estupidez, quero que ele morra fulminado pelas minhas armas de boicote. Quero que ele perceba o quanto sou chata, ciumenta, louca e doente. E que ele enjoe logo da minha cara abatida de intensidade. Que ele pegue logo bode do meu cansaço em viver tanto, porque vivo muito mesmo quando estou deitada olhando para um ponto fixo.

É tão cansativo ser eu mesma com todos os meus medos e neuroses, e quero que ele sinta o fardo do meu peso. Morra e me liberte dessa alegria incontrolável. Passe desta para uma melhor, porque eu sou um lixo.

Eu me lembro daquele conto da Clarice em que a garotinha ruiva guardava o livro para ler depois (*Reinações de Narizinho?*) porque queria prolongar o mistério da felicidade.

Pois eu quero mais é botar fogo em todos os contos de felicidade que a vida escreve para mim, porque por alguma razão maluca a felicidade me escraviza, me paralisa, me faz ficar triste.

Eu olho para você e tenho tanta, mas tanta alegria em saber que você existe, que sinto ódio. Ódio de eu não mais esperar por você.

O sentido da minha vida era encontrar você. O motivo para eu seguir adiante nos corredores escuros, e bater em portas obscuras, era a sua busca.

Agora que você está sentado numa sala clara e óbvia, não preciso mais me enfiar em buracos. Mas os buracos eram a única trilha que eu conhecia.

Você me soltou na atmosfera e eu estou voando. E eu sinto saudades do buraco, da espera, da angústia.

Eu sinto falta de olhar triste para o espelho e me sentir metade. Agora que eu tenho você, nem perco mais meu tempo olhando para o espelho, porque só tenho olhos para você. Você me roubou de mim mesma. E eu sou tão ciumenta que estou com ciúme de mim. Você me tirou da minha vida incompleta. E me transformou numa completa idiota.

O amor é uma doença. Eu sinto náuseas, febres, dores musculares. Eu acordo assustada no meio da

noite. Eu choro à toa.

Eu estava do lado da sujeira, eu era a outra, eu estava por dentro do crime.

Você me fez sentir um mundo limpo, verdadeiro e eterno. E esse mundo é tão novo pra mim, que eu te odeio. Que eu estou pequena nele, e preciso de você o tempo todo para me abraçar e dizer que está tudo bem.

E quando você não está por perto, eu caio. Porque não sei nada desse mundo de alegrias e coisas bonitas.

Você não me deu saída. Você transformou todas as vozes que me davam escapatórias para outros corredores, em sons sem lábia. Minhas saídas perderam as escadas escuras e charmosas, porque você lavou meu chão de imundícies com amaciante Comfort.

Se eu tentar fugir, escorrego no perfume da minha nova vida. A nova vida que não sei viver. A nova vida que quero viver ao seu lado. Ao lado do homem que eu odeio porque nunca amei tanto. Ao lado da felicidade que eu odeio porque, se ela acabar, não sei mais se consigo voltar pra casa. E nem sei se quero.

Era eu, entende? Era eu que me atracava com o lado errado da vida para estar sempre certa. Era eu a resposta para todas as perguntas que ninguém tem coragem de perguntar. Sim, o mundo é imperfeito, as pessoas traem, o amor não existe, seu marido me come, seu namorado me come, o mundo quer me comer enquanto você borda seu laço cor-de-rosa.

Agora eu estou aqui, inconformada com o seu passado, querendo matar suas lembranças. Com ciúme do seu silêncio porque ele está com você há mais tempo do que eu e eu tenho medo do quanto ele te consome, com ciúme do seu sono porque ele te leva do meu foco. Com raiva da sua importância porque ela me congela, com raiva do tempo que não dura para sempre quando você me olha sabendo das minhas loucuras e ainda assim me amando.

Agora eu estou aqui, querendo que todos os amores do mundo durem para sempre, e que nenês nasçam, e que árvores cresçam, e que garotas vagabundas não nos invejem, e que os desejos das nossas sombras não nos traiam.

Agora eu estou aqui, de quatro, de língua no chão, te odiando muito, virando a cara, socando você, cuspendo em você, te tratando mal, tudo isso porque não sei lidar com o mundo girando na minha barriga, a tontura do amor, o enjôo do vício em você, a dor do músculo quando me separo.

Pode parecer maluco, mas todas as minhas súplicas para que você desista de mim é um jeito maluco de pedir que você não desista nunca, pelo amor de Deus.

Era o céu que eu via deitada, com ele em cima de mim, mas isso não tinha nada de romântico. Minha cabeça tinha acabado de ser expulsa do carro porque não havia espaço para ela ali dentro. Isso me pareceu conveniente porque eu não estava mesmo usando muito o cérebro naquele momento.

Eu achei divertido, mas o céu não era romântico. E por que essa cobrança do romântico agora? Foi divertido e acabou. Quando dá lá a vontade maluca de transar com alguém, seu cérebro, seu coração, algum órgão do seu corpo pede que você pare porque não será romance, mas apenas sexo? Não, você fica burra e cardíaca e o único movimento ordenado do seu corpo é se molhar e se abrir. Então não me venha com essa de romance agora.

Era o céu que eu via, um pouco nublado; se chovesse naquele momento ia ser lindo, mas não seria uma chuva romântica. Não poderia ser: as pernas dele estavam para fora da janela do motorista, aquilo era ridículo, muito engraçado, e a chuva não poderia ser romântica.

Meu joelho anestesiou depois de tanto bater no freio de mão, o chão era o teto do carro e a sensação maluca do mundo de pernas para o ar somada a movimentos perfeitos aproximavam num ritmo saudável o meu sempre atrasado prazer. Um fenômeno da natureza chamado chuva e outro chamado orgasmo pareciam chegar juntos, escurecendo o céu gradativamente.

Eu queria demonstrar o quanto aquilo era bom numa recompensa criativa e com um tom mais alto de espasmos verbais, mas estava sem espaço e acuada numa cabine nojenta de um drive-in nojento. Aquilo definitivamente não era romântico.

O que era a cor daqueles olhos? O que era aquele cabelo pingando suor em meus seios? Mãos dadas e a nossa música tocando. Nossa música? Eu já estava raciocinando romanticamente achando que tínhamos uma música. Parecia ser romântico sim, acho que era... ele estava só de tênis, alguém gritava alguma coisa desconexa em algum lugar daquele pulgueiro e a camisinha vagabunda tinha cheiro de morango. Não, querida, era só sexo mesmo.

Até que ficamos abobados e o céu abriu em estrelas. Até que o pé caiu do chão de teto e abraçou um corpo suado deslizando até o banco. Até que meu escapulário enroscou no meu cabelo e ele teve um ataque de riso que me fez gostar mais dele.

Até que o CD parou de tocar e só restava no mundo a nossa respiração tentando reencontrar o equilíbrio. Até que ele não se levantou depressa, cheio de medos, bloqueios e estranhices. Ficou abraçado comigo. Me beijando, quieto. Abraçado comigo. Sim, era romântico estar ali. Era...

Ele se levanta depressa, arranca a camisinha e grita “cestaaaaaaa” acertando o lixo lá fora. Aumenta o som e começa a me mostrar o que aprendeu na aula de bateria: batuca no volante, no teto, na minha

perna, na minha barriga, não, na minha cabeça não. Meu Deus, o que eu estava fazendo ali? Será que ele só ficou abraçado comigo porque o carro era pequeno e não tinha espaço para ele virar de lado e começar a roncar ou se levantar rápido, cheio de compromissos e culpas?

Eu estava traumatizada com homens frios. Mas ali dentro fazia um calor desumano. Será que o calor havia nos unido por aquele tempo porque levantar depressa seria propício demais a um desmaio?

Ele pára os batiques, me olha carinhoso. Diz que tenho um olhar *blasé* que o enche de paz. A vontade de gostar dele volta tão forte e assustadora que torço para ele falar uma besteira grosseira. Ele me abraça e volta a me beijar. Fico no colo dele um tempo. Ele me olha, olha, eu comento que nunca fiquei tão mole em toda a minha vida, querendo dizer o quanto ele me dava tesão, emoção, o quanto ele tinha poder sobre mim. O quanto eu era frágil ali no colo dele. Ele sorri, me dando uma beliscadinha cafajeste na bunda: “E eu nunca fiquei tão duro em toda a minha vida”.

Que bom que não era romance, que bom que não era só sexo. Era uma aventura num drive-in; a última, espero. Da próxima vez vou aceitar o convite para o motel cinco estrelas e não dar nenhuma idéia maluca.

O encontro

Duas e cinco da manhã. Sem sono e com uma angústia que parecia fome, parecia tédio, parecia uma coceira de angústia bem no centro da sua existência, ela espremia com as mãos o chumaço de pêlos bem no meio das pernas, querendo extrair dali o caldo da sua chateação.

Se espremia irracional e preguiçosa, como um bicho, e foi aí que teve a idéia. Simples, absurdamente simples, de chamá-lo. Por que não? Ele não falhava nunca. Estava sempre pronto, disposto, duro e certo. E o melhor: ele nunca a julgava.

Ela sim se julgava, e como. Era neurótica sempre e com tudo, mas nem por isso deixava de ser instintiva. E aí moravam a graça e o segredo de sua personalidade cheia de riquezas e esquisitices.

Pensava em tudo isso sem pensar. Eram *flashes* de pseudopensamentos misturados ao filminho pseudopornográfico que ela já começava a formar em sua cabeça.

Cabelos puxados por punhos másculos e uma nuca exposta numa nudez explicitamente desintencional; olhares animais que se estranhavam a ponto de a conversa continuar pontuada por mordidas e roçadas, como numa competição de natação, cabeças lançadas para cima e para baixo, num fôlego confuso entre o prazer de afundar e o prazer de sair à tona.

Línguas de fora, gritos abafados, gritos intencionalmente escandalosos, pernas muito abertas, movimentos de entra-e-sai. Pias de cozinha, de banheiro, carro, chão. Dominação de sexualidade num corpo perfeito de mulher, dominação de poder num corpo imperfeito de homem. Cada personagem tinha uma história, e ela sabia todas, como uma *voyeur* que, indo mais longe, não apenas espia, mas sente.

Ele chegou rápido e, dada a intimidade de anos, foi se enfiando sem muita cerimônia. Mas dada também à intimidade rotineira de anos, ela continuou fazendo uso da sua imaginação, cheia de canais quentes que eram zapeados segundo os seus desejos.

Ela controlava tudo e, apesar das loucuras barulhentas das suas fantasias, ninguém ouvia um só pio sair daquele quarto. Era incrível a afinidade de ritmos entre os dois. Mais lento, insistente num mesmo ponto, preenchível, delicado e muito mais rápido. As mudanças ocorriam no segundo certo e nunca, nunca o prazer dela se decepcionava.

Cada personagem de seus devaneios eróticos alertavam para o grande momento, os movimentos eram mais intensos, as cores mais gritantes, os sons mais desesperados, as horas mais rápidas e infinitas.

Tombavam, finalmente, mortos pela batalha na qual se lutava para morrer. O esboço de sorriso cansado e cheio até a boca era comum a ela e às suas criações, que iam sumindo na fumaça confusa da vida que retorna melhor depois da reencarnação nada religiosa.

Molhado, frouxo e deitado de lado, era chegada a hora da despedida.

E foi o que ela fez, limpando-o num pedaço à mostra de lençol e devolvendo-o à sua função primária e óbvia de pai de todos.

O fim do amor está a seu lado

Ele acorda, te beija meio rápido porque te beija mesmo todas as vezes que acorda e corre para o telefone: perguntar a algum amigo qual é a boa do dia. E você deseja que ele te olhe por alguns minutos ininterruptos, só te olhe, e isso baste. Afinal, ele basta tanto para você, não é?

Ele te abraça depois do sexo, mesmo você querendo tanto que tivesse durado mais, e comenta pela milésima vez que foi a melhor, e emenda, também pela milésima vez e mesmo sabendo que para você é importante mais alguns minutos abraçada, a frase doída “quem vai tomar banho primeiro?”.

Você deixa de almoçar e resolve ir até o shopping comprar roupas novas para ficar linda para o homem mais lindo do mundo, gasta que nem uma vaca louca. Depois passa correndo – e correndo o risco de chegar muito atrasada do almoço e perder o emprego que vai pagar as roupas novas – na manicure, onde você aproveita para fazer uma hidratação, uma escova, umas luzes e tirar a sobrancelha. Resumindo: você gasta uns 487 paus para ficar bonita, afinal, ele vai te levar para jantar.

Aí ele chega com a camiseta cinza furada, que comprou no Extra Supermercados, num pacote que vem com outras quatro camisetas vagabundas, e te diz todo contente que descobriu o restaurante do ano: bom e barato. “Barato” dói cada linha da porra do seu vestido e cada fio esticado da porra do seu cabelo.

Ele tenta, ele ainda tenta mesmo você reclamando tanto, e te manda uma poesia do Vinicius, mas no *subject* ele escreve: “você tinha razão: Chico Buarque é mesmo irado”.

Você passa horas montando o seu *case* e leva para as montanhas as músicas mais românticas e descoladas de todos os tempos. Você calcula que, em duas horas e meia, doze CDs devem dar e sobrar.

Ele passa as duas horas e meia reclamando que preferia estar indo para a praia, porque praia é muito mais irado, sabe? Reclama que Billie Holliday dá sono (mesmo “All off me” sendo o ar que você respira), Los Hermanos são uns chatos de galocha e Jamie Cullum, um veadinho novato qualquer.

Ele coloca, mais uma vez, seu CD riscado do Bob Marley, o mesmo que ele escuta desde os 14 anos, alternando com algum DJ gringo do momento, que ele, obviamente, sabe o nome (e você não tem nada contra música eletrônica, mas acha o fim saber nomes de DJs e a morte curtir um som *underground* num trajeto cheio de passarinhos e borboletas).

Vocês chegam a tempo para o café-da-manhã! Que alegria! Você ama tomar café-da-manhã com seu amado, longe de tudo e de todos, você ama ter a grande preocupação do milênio ao lado dele, “geléia de morango ou de framboesa?”. Mas aí você depara com a fria realidade do mundo: na mesa ao lado, estão todos eles. Sim!!!! Os amigos dele! Ele chamou os amigos para serem cúmplices da sua brilhante idéia de

se afastar de todos! Seu namorado é um gênio.

E ele, com sua ansiedade frenética por aceitação do meio, se esquece da importância idiota que você dá para as refeições em paz e a dois, e resolve juntar as mesas. Claro! Por que não? Tudo o que você mais precisa é ouvir sobre caganeiras, meninas com peitos muito grandes que têm um cheirinho de sovaco embaixo deles e videogame, muito videogame, mas muito videogame mesmo!

Tudo bem vai, ahhhhhhh, ele é tão lindo assim meninão! Imagina só como seria chata a sua vida com um coroa só a fim de te levar para restaurantes bacanas e viagens a dois! É, um saco realmente, voltemos ao sovaco de teta, por favor!

Fim de tarde, o céu lilás como na canção, você esquece tudo e olha para aquele rosto perfeito, ele tem a boca pequena e os olhos grandes, ele tem as mãos lindas, ombros largos e um sorriso branquinho e cheio de dentes, ele é realmente lindo, forte, gostoso... Ele te interrompe com o rosto sério e diz: “eu não acredito no amor”, como se dissesse “eu não acredito em duendes”.

Você sente um azedo subir do seu cu até a sua goela, você quer rolar de chorar na grama verdinha, mas também quer que ele saia rolando montanha abaixo, até que você descobre que ele acha tudo isso porque está lendo uma edição especial dessas inteligentes revistas de fofocas sobre casais famosos ao estilo “Paris Hilton” que se separaram.

Você respira fundo, lamenta a morte e, finalmente, olha para o caminho sem volta: o lado.

O homem que não traía

Olha, vai indo pra lá e me espera naquela posição.

De quatro, de costas, de bruço, com a cara voltada para a parede, com a cara enfiada na poltroninha da sala moquifada de um *flat* moquifado. A cara encostada no geladinho da última chuveirada. De cara pro chão.

Assim ele a queria: sem olhar em seus olhos, sem beijar sua boca, sem sentir sua alma. Assim não era traição, ele pensava.

Ele era um homem sério, apaixonado pela mulher, apaixonado pelo filho que estava aprendendo a dizer papai, apaixonado pela instituição família, pelo apartamento novo, pela casa na praia com cadeirinha de balanço de frente para o mar, pela profissão, pelo salário, pelo respeito que tinha por ser um homem de família e bem-sucedido, enfim: apaixonado demais pra ter alguma nova paixão.

Olha, vai indo pra lá e me espera naquela posição.

A posição ela podia escolher, desde que fosse qualquer uma em que ele não visse seu rosto.

Ela aceitava e tanta submissão a excitava. A hipocrisia disfarçada de todos os relacionamentos era a maior causa de sua angústia indescritível. Ela sentia um nojo da dualidade de intenções dos seres humanos que ora amam, ora usam, e preferia a clareza da sacanagem e a certeza do vazio.

Ela escutava o som da porta, o cheiro dele invadia o quarto e ela desabrochava como uma flor ao se alimentar do sol, mesmo com tanta escuridão. Uma pressão sem a menor pretensão de carinho a lançava para a frente, ele a prendia pelos cabelos.

Aquilo durava horas até que tanto suor trouxesse a obviedade do banho. Ele tomava primeiro e se despedia dela, sem olhar pra trás: tchau, minha querida.

De volta para a rua cheia de casais que passeavam de mãos dadas, ela andava sem saber se sorria ou se chorava. Sentia-se violentada pela inexistência do amor e absurdamente feliz pelo mistério da outra mulher que a invadia vez ou outra. Era um romance sujo, mas era um romance.

Olha, vai indo pra lá e me espera naquela posição.

Era um vício e talvez você não entendesse nada olhando para ela. Uma moça bonita, uma moça tão paparicada, uma moça tão menina, que tinha homens lhe oferecendo carinho em bandejas de ouro.

Mas talvez você entendesse a moça se mergulhasse fundo nas estranhezas do espírito e lembrasse de um dia em que se excitou com algo doloroso: um amor proibido qualquer, uma falta de telefonema qualquer, um fechar de rosto e um olhar sombrio no lugar de semblantes rosados de amor.

Quando o amor é falso, a mágoa é tão grande que você o trai amando justamente a falta dele.

Ou nem precisava tanto, talvez você entendesse a moça se algo tão preenchível rasgasse seus orgulhos, suas certezas, suas dignidades.

Ele entrava nela e calava qualquer opinião formada, qualquer preconceito, qualquer direito de ser melhor que alguém. Era um alívio: ela era humana e suja como todos, era louca e estranha, era fraca... e o mundo se tornava menos feio e as pessoas, mais passíveis de perdão.

Talvez você a entendesse se parasse de pensar um pouco e deixasse o corpo ir até onde o tormento manda. Você a entende bem.

Olha, vai indo pra lá e me espera naquela posição.

Estavam lá mais uma vez. Ela espremida, ele espremendo. O caldo sofrido de uma paixão. Um barulho estranho, a maçaneta manuseada impacientemente, alguém queria entrar ali. Era alguém que tinha errado de quarto e com um pigarreio envergonhado e velho se desculpava pelo erro.

Era tarde demais, com o susto ela havia olhado para trás e eles tinham se olhado bem no fundo dos olhos por mais de dois segundos.

Você tá linda, esse corte de cabelo ficou ótimo em você... você tá bonita.

Ela tentou beijá-lo pela primeira vez e ele deixou. Tomaram banho juntos e ela fez uma brincadeira com as pintinhas das costas dele. Ele fez uma piada com a pintinha da virilha dela. Ela beijou o pescoço dele e ele fez um carinho bem de leve nela. Ele a ajudou a sair da banheira e enrolou a toalha em seu corpo, dando um beijo em sua testa. Ela fez cara de menina, ele fez cara de proteção. Atravessaram a rua de mãos dadas, e nunca mais se viram.

O que fazer em caso de tédio

Minha vida tá chata. Pra cacete. Ou melhor: sem cacete.

Eu passo mais de doze horas no trabalho, mais de duas horas na academia, mais de seis horas pra pegar no sono e não sobra nada para acalmar as súplicas dos meus hormônios por uma vida menos meia-boca. Eu sigo à risca a dieta da nutricionista para ganhar músculos, os exercícios do *personal* (sim, eu escrevi isso só para falar que faço *personal*) para perder a largura da bunda e o balanço desnecessário do músculo do tchau. Eu cumpro prazos, eu cumpro horários, eu cumpro regras de sobrevivência para não mandar à merda as pessoas chatas do meu trabalho e perder o emprego. Eu cumpro regras de educação para não dizer todas as merdas que me vêm à cabeça quando sou obrigada a aturar pessoas burras, e, por falar em merda: até meu intestino tem funcionado com hora certa.

Put a vida chata! Minha vida tá um Nutry de banana, sabe? Uma esteira no condomínio do prédio? Um homem que te leva para jantar no La Buca Romana e escuta CD de novela? Minha vida tá meia-boca pra cacete. Você também precisa de um motivo para levantar da cama de manhã? Não que eu seja depressiva e tenha dificuldades de levantar da cama, não é isso. Tô falando de LEVANTAR da cama, dar aquele pulo de “bora lá para mais um dia fantástico, Tati!”. Você também precisa de um? Pois é, eu dedico dez minutos da minha manhã procurando um e o único que vem à minha cabeça é “levanta logo porque, se a vida tá chata, perder o emprego só vai piorar”.

Antes era tão fácil, quando eu tinha meus dezoito, dezenove, vinte anos. Eu levantava da cama porque tinha uma festa na São Francisco, cheia de homens pseudopolitizados sustentados pelo pai com camisetas do Che Guevara. Eu levantava porque tinha cervejada no Mackenzie com todos os meus amigos deslumbrados pela vida que prometia tantas coisas. Eu levantava porque o gatinho da balada (que não sabia nem falar e estava fumado) tinha prometido ligar. Eu levantava porque era estagiária da W/Brasil e propaganda me dava um puta tesão, publicitários me davam um puta tesão e o sonho de ser contratada por uma agência grande era quase um orgasmo.

Hoje acho festas de faculdade e garotos de balada um porre (até porque não tenho mais idade nem ouvido pra isso), e meu tesão pela propaganda e pelos publicitários brochou sem esperanças de Viagra.

Publicitários em geral são chatos, inseguros, metidos, freqüentam sempre os mesmos lugares, falam sempre as mesmas coisas e acham que a barriga e a careca não importam já que eles têm uma conta cheia no banco, mas na verdade são brochas de tanto trabalhar. Propaganda é só mais uma profissão com tudo o que uma profissão tem de chata, com o agravante de ter criativos que se acham artistas geniais e

atendimentos que soltam o tempo todo frases em inglês para virar o mister MBA.

Enfim, me perdi no meu veneno; voltando ao assunto: minha vida tá chata, pra cacete. Eu conheço homens aqui e ali, mas nenhum me emociona. Os que me emocionam se mostram *losers* semanas depois (olha eu brincando de MBA igual a meus amigos atendimentos). Minhas amigas em geral continuam arrastando seus namoros sem emoção e as que juram viver uma vida de emoção vivem bêbadas. Meus heróis morreram de *overdose*: *overdose* de trabalho, *overdose* de família, *overdose* de vida adulta, *overdose* de ir empurrando com a barriga. Onde está a diversão?

Olha, eu tenho procurado por ela. Eu não tenho estado-estando-desistindo (só para citar mais uma vez meus amigos atendimentos e seus gerúndios MBA). Ela não está na Faria Lima ou na vila Olímpia com suas garotinhas e garotinhos em série: uma edição sem cérebro. Ela não está na vila Madalena, ainda que eu não tenha desistido de ser despreziosamente feliz num barzinho desprezioso. Ela não está nos três filmes aos quais assisto por semana para fugir da minha realidade. Ela definitivamente não está em ex-casos, ex-namorados e ex-paqueras. Às vezes eu acho que ela está na Fnac, na praia ou numa trepadinha sem maiores danos. Mas aí ela escapa como areia das minhas mãos assim que eu enjoô do CD, do calor, da falta de amor ou acabo um livro. A felicidade é fugaz, pequena demais para meu vício e meu exagero. Ela não está no meu carro novo, nas minhas roupas novas, no meu novo emprego, no meu salário. E se você vier com aquele papo de que está em mim eu vou te dizer que chupar o título do Freud não vale. Ter alguma consciência, alguma idade e alguma experiência me tornaram exigente. E eu que gostava da diversão em diversidade fiquei com pouquíssimas opções. Fiquei chata. Enfim, sei lá. Vai ver essa coisa de diversão e felicidade é uma eterna busca mesmo. E vai ver que é por isso que a gente continua levantando da cama.

Odeio este texto

Eu tenho, você tem e eu duvido que aquele cara ajoelhado na frente do santo ou aquela mulher descalça numa ciranda espírita não tenham: ódio. E eu não sou só isso, eu não sou assim o tempo todo, eu não me baseio nisso. Mas, sim, eu odeio, e como. E a cada dia eu odeio mais conscientemente, a cada ano eu odeio mais especificamente e a cada noção da vida eu odeio mais verdadeiramente. Eu odeio que encostem o cotovelo, a bunda ou uma cerveja molhada em mim enquanto eu tento encontrar um espaço para dançar. Eu odeio que encostem em mim, odeio a pele de um desconhecido indesejado. Odeio homens com camisetinhas justas e colares. Odeio garotas de nariz empinado em suas calças que de tão apertadas fedem corrimento. Odeio meninas ensebadas que mexem demais no cabelo e olham para os lados com vergonha da própria existência. Odeio homens que olham para bundas como se admirassem uma carne pendurada no açougue e odeio mais ainda quando fazem bico e aquele sim com a cabeça, tipo “concordo com o mundo que ela é muito gostosa”. E se ele fizer aquela chupada pra dentro do tipo “hummmmm delícia” já é algo que ultrapassa os limites do meu ódio. Bater o dedinho do pé na quina, futebol pelo rádio, pessoas felizes demais, bocejos, mania de batuques (sim, foi para você), cigarro enquanto eu tô comendo (ou a qualquer hora), mau atendimento em restaurante (ou em qualquer lugar) e pessoas que não sabem chupar laranja ou tomar sopa sem sonoridades.

Odeio quem ignora a necessidade do desodorante, do retoque na raiz preta e da hora de parar com a comida. Odeio que faça sol se preciso de uma desculpa para não sair de casa. Odeio chuva se tenho roupas novas de verão. Odeio amigas que fazem sexo anal e me contam e eu passo o resto da vida sentindo um cheiro ruim quando encontro com elas. Flanelinhas, patricinhas, nominhos carinhosos para o namoradinho e frases carinhosas para o namoradinho no diminutivo. Odeio não ter um filho-da-puta nesta terra que sirva para meu namorado. Odeio mau hálito e mais ainda o fato de que justamente as pessoas podres são aquelas que falam mais baixo e nos obrigam a ter que chegar perto. Eu odeio machismo, submissão e, mais do que tudo isso, ter que ser forte o tempo todo e não ter um ombro másculo para chorar até minha última gota desamparada.

Eu odeio com toda a força do meu ódio o telemarketing e que me chamem de “senhora Tatiana” duzentas vezes por minuto. Eu odeio quando ligo no banco para saber o quanto estou negativa e a puta computadorizada me oferece algum superproduto premiado. (Eu estou negativa, porra! Como vou investir? E meu nome é Tatianeeeeeeee – odeio meu nome, mas é meu.) Odeio todas as meninas bonitas do ginásio que já tinham peitos e bundas naquela época e hoje provavelmente devem estar caídas e usadas. Odeio o professor Nicola que me mandou calar a boca porque era um lixo de professor, mas queria aparecer. Odeio muito mais do que telemarketing que empurrem a minha cabeça para fazer sexo

oral: a chupetinha comandada! Vai abaixar a cabeça da sua mãe, seu filho-da-puta! E vê se aprende logo que não precisa enfiar a língua lá no fundo e fazer aquela cara de nojo, lambe o clitóris e mostre que você sabe mais do que quem foi o campeão do Brasileirão de 89.

Odeio homossexuais enrustidos que usam a desculpa para não pegar uma mulher: “ah, eu só pego de modelo pra cima”. Odeio homens.

Toques de celular personalizados, tatuagem tribal e a nova moda das atrizes-modelos-manequins de tatuar as iniciais do namorado da semana. Odeio bolsas Louis Vuitton, elas são feias e caras e quem usa é a típica lânguida que eu odeio, de rosto fino, cabelo fino e cérebro fino do fino Shopping Iguatemi. Odeio bunda muito grande porque bunda muito grande é coisa de pobre. Odeio minha bunda ser pequena e eu ser pobre. Odeio todas as bandas de rock que se parecem, as músicas funk que se parecem e as meninas da Faria Lima que se parecem. Odeio ter vontade de fazer cocô logo depois que eu tomei banho. Odeio o fim do sexo com aquela lambuzeira toda, odeio o meio do sexo porque minha cabeça quase sempre está em outro lugar e eu quase sempre finjo orgasmo. Odeio quando amo o sexo e o filho-da-puta some e eu passo mais um tempão para gostar de sexo de novo.

Odeio pessoas muito oleosas, muito peludas, muito suadas e acima de tudo meninas que cheiram a lavandas e gostam de adesivos de ursinho. Odeio as pessoas que eu amo muito, tipo minha mãe. Odeio que me mandem falar mais baixo e odeio que falem alto. Odeio que me olhem e que não me vejam. Odeio pentelho na minha garganta. Odeio comerciais com crianças vestidas de branco correndo no campo com flores amarelas, aquele japonezinho que faz cocô e aperta o tirador de fedor do banheiro e odeio muito, mas muito, mas muito mesmo, as lojas Marabraz. Odeio bijuteria dourada mais do que qualquer telemarketing ou chupadinha comandada. Odeio brilho em vestidos... agora, cascata de neon em formatura está acima dos meus poderes em odiar.

Odeio quem comemora porque passou numa faculdade que meu primo de oito anos passaria e quem diz “peguei a mina”. “Pega no meu pau, *muleque!*” Odeio bolsa de couro sintético combinando com o sapato de couro sintético (se as fivelas combinarem eu posso enfartar a qualquer momento). Odeio quem comemora o aniversário no rodízio de pizza do Viena e quem não pode perder o novo filme do Ben Affleck. Odeio numa proporção assustadora o Outback do Shopping Eldorado. (Se você vai a um restaurante de shopping vagabundo com um nome industrializado sem charme desses e ainda acha divertido escorregar na gordura do chão não leia meus textos, por favor.)

Odeio os Estados Unidos, mas odeio muito mais o fato de a gente ter sangue europeu e ainda assim ficar imitando esses estúpidos, que também têm sangue europeu mas são estúpidos por herança criada. Odeio a frase “eu vou ao super comprar umas cervas para o churras”. Odeio cariocas que se acham superiores só por causa da praia mas vêm ganhar dinheiro aqui. Odeio cariocas que se acham fodas porque já saíram com alguma atriz da Globo, e todos já saíram. Odeio a vontade que eu sinto de rebolar quando escuto aquela imbecil da Britney Spears, odeio ter chorado no *Titanic* e odeio assistir a *Celebrity Profile* pra saber o que a Pamela Anderson faz além de ter dor nas costas (porque não deve ser

fácil carregar duas jacas diariamente). Mas eu assisto.

Odeio quem passa o dia no shopping com a família, churrascaria com aquele desfile de bichinhos mortos, principalmente porque você está lá tranqüilamente comendo e vem alguém com um espeto (que é grosseiramente imposto ao seu lado), te espirra sangue, fala um nome idiota e você nunca sabe exatamente de que parte se trata.

Odeio homem que arrota aquele assoprinho que precede a explosão do chope, sabe? Odeio com cada célula do meu corpo os *moke-up* de sobremesa em lojas de doces e alguns restaurantes. Odeio quem casa virgem, odeio quem chega em casa depois de uns malhos no carro e enfia o dedo no meio das pernas porque tava louca para dar mas “ele ia me achar muito fácil”. Mas eu também odeio mulher que sai dando pra meio mundo e perde o mistério. Sei lá, essa coisa toda de dar vai ser sempre uma dúvida. Odeio dúvidas.

Odeio meninas caçadoras de homens ricos, mas odeio sair com um cara que está tentando começar um relacionamento e ter que rachar a conta; seria mais simpático me deixar pagar a conta toda. Rachar é péssimo. Odeio aquele filme da loira e da morena do David Lynch, odeio as pessoas que não entendem que *Felicidade* veio antes de *Beleza Americana* e odeio quem odeia o Woody Allen.

Dividir banheiro, pêlo alheio em sabonete, acordar cedo e meninas adolescentes peruas com voz de pato: odeio! Também gordinhas que dizem “é que eu tenho a estrutura óssea larga”, e dá-lhe brigadeiro em frente da televisão. Odeio aquele velho filho-da-puta me olhando na mesa ao lado, com três crianças penduradas no pescoço e uma mulher com culote comendo abacaxi para ajudar na digestão do javali. Odeio a típica família e suas árvores de Natal cheias de rancor, e os doces das tias cheias de rancor, e as crianças lindas correndo querendo que o priminho morra porque ganhou mais brinquedos. Odeio o tapinha dos homens e o beijinho falso das mulheres. Prefiro virar a cara, prefiro cuspir, prefiro odiar. Quando eu era criança sonhava todas as noites que arrancava os olhos de todo mundo e só eu podia enxergar o quanto era feio eu ser como sou.

Quem quer pôr terno no macaco?

Semana passada ouvi de um grande amigo uma grande verdade: “Chega uma hora na vida que você tem que abrir mão do selvagem dentro de você para manter amigos, empregos e constituir família. Ou você pode escolher ser um louco e viver sozinho”.

No meu último emprego, quando pedi demissão, ouvi do meu chefe, também um grande homem em raras ocasiões: “Toda essa sua mania de ser louquinha e falar o que pensa só vai te garantir um emprego fixo: banda de rock”.

Acho que todos têm razão. E tento, com orações dadas pela minha mãe desesperada com meu jeitinho nada meigo, ioga, terapia, sexo, pilates, mantras e muita conversa com amigos em geral, ser uma pessoa mais equilibrada.

Uma amiga me disse: “quem briga por tudo e quer medir poder com todo mundo, na verdade está tentando provar que não é um bosta, tá brigando consigo mesmo”.

Pura verdade. Quando minha auto-estima está em suas piores fases, é aí que a coisa pega: fico com mania de perseguição, acho que tá todo mundo querendo foder comigo, que existe um complô universal contra a minha frágil pessoa. Meu ataque nada mais é do que a defesa amedrontada de uma menina boba.

Mas a verdade é que eu odeio o equilíbrio. Porra, se eu tô puta, eu tô puta! Se eu tô com ciúme, não vou sorrir amarelo e mostrar controle porque preciso parecer forte e bem resolvida. Se o filho-da-puta que senta do meu lado é um filho-da-puta, eu não vou fazer política da boa vizinhança, eu vou mais é berrar e libertar essa verdade de dentro do meu fígado: você é um grandessíssimo filho de uma puta! Se a vaca da catraca do teatro me tratou mal, eu vou mais é falar mesmo que ela é uma horrorosa que não vê pica há anos.

O sangue ferve aqui dentro, e eu não tô a fim de transformá-lo num falso líquido rosa que um dia vai me dar um câncer. Eu não tô a fim de contar até cem, eu quero espancar a porta do elevador se ele demorar mais dois segundos, quero morder o puto do meu namorado que apenas sorri seguro enquanto eu me desfaço em desesperos porque amar dói pra caralho, quero colocar TODAS as pessoas do meu trabalho que falam “Fala, floRRRR!” ou “Precisamos disso ASAP” numa câmara de gás peristáltico. Eu sou antipática mesmo, o mundo tá cheio de gente brega e limitada e é um direito meu não querer olhar na cara delas, não tô fazendo mal a ninguém, só tô fazendo bem a mim.

Minha terapeuta fala que eu preciso descobrir as outras Tatis: a Tati amiga, a Tati simpática, a Tati meiga, a Tati que respira, a Tati que pensa, a Tati que não caga em tudo porque deixou a imbecil da Tati

de cinco anos tomar as rédeas da situação.

Ela tem razão, mas é tão difícil ver todos vocês acordando de manhã sem nada na alma, é tão difícil ver todos os casais que só sobrevivem na cola de outros casais, que só sobrevivem na cola de outros casais; é praticamente impossível aceitar que as contas do final do mês valham a minha bunda sentada mais de oito horas por dia pensando o quanto eu odeio essa gente que se acha “super” mas não passa de vendedor de sabonete ambulante.

É tão difícil ser mocinha maquiada em vestido novo e sapato bico fino quando tudo o que eu queria era rasgar todos os enfeites e cagar de quatro no meio da pista enquanto as tias chifrudas bebem para esquecer as dúvidas ao som de “Love is in the air”.

Parem de sorrir automaticamente para tudo, humanos fi-

lhos-da-puta. Admitam que vocês não têm a menor idéia do que fazem aqui. Admitam a dor de estar feio, e admitam que estar bonito não adianta porra nenhuma.

Eu já me senti um lixo de pijama com remela nos olhos, mas nunca foi um lixo maior do que me sentir gastando meu dinheiro numa bosta de salão de beleza enquanto crianças são jogadas em latas de lixo porque a total miséria transforma qualquer filho de Deus em algo abaixo do animal.

Mas eu não faço nada, eu continuo querendo usar uma merda de roupinha da moda, numa merda de festinha da moda, no meio de um monte de merdas que se parecem comigo. Eu quero feder tanto quanto eles para ser bem-aceita porque, quando você faz parte de um grupo, a dor se equilibra porque se nivela.

E eu continuo perdida, sozinha, achando tudo falso e banal. Acordando com ressaca de vida medíocre todos os dias da minha vida. Grande merda de vida, você muda a estação do rádio para não reparar que a menina de dez anos parada ao lado do seu carro já tem malícia, mas não tem sapatos. Você dá mais um gole no fricante para não reparar que a moça da mesa ao lado gostou do seu namorado, e ele, como qualquer imperfeito ser humano normal, gostou de ela ter gostado.

Você disfarça, a vida toda você disfarça. Para não parecer fraco, para não parecer louco, para não aparecer demais e poder ser alvo de crítica, para ter com quem comer pizza no domingo, para ter com quem trepar na sexta à noite, para ter quem te pague a roupa nova e te faça sentir uma bosta; e para quem te pede socorro, você disfarça cegueira.

Você passa a vida cego para poder viver. Porque enxergar tudo de verdade dói demais e enlouquece, e louco acaba sozinho. Vão querer te encarcerar numa sala escura e vazia, ninguém quer ter um conhecido maluco que lembra você o tempo todo da angústia da verdade e de ter nascido. Você passa a vida cego, mentindo, fingindo, teatralizando o personagem que sempre vence, que sempre controla, que sempre se resguarda e nunca abre a portinha da alma para o mundo. Só que a sua portinha um dia vira pó, e você morre sem nunca ter vivido, e você deixa de existir sem nunca ter sido notado. Você é mais uma cara produzida na foto de mais uma festa produzida, é um coadjuvante feliz dessa palhaçada de teatro que é a vida.

Você aceitou tudo, você trocou as incertezas da sua alma pelas incertezas da moça da novela, porque ver

os problemas em outros seres irrealis é muito mais fácil e leve, além do que, novela dá sono e você não morre de insônia antes de dormir (porque antes de dormir é a hora perfeita para sentir o soco no estômago).

Você aceita a vida porque é o que a gente acaba fazendo para não se matar ou não matar todos os imbecis que escutam você reclamar horas sem fim das incertezas do mundo e respondem sem maiores profundidades: relaaaaaaaaaaaaaaxa!

Eu não vou fumar, eu não vou cheirar, eu não vou beber, eu não vou engolir, eu não vou fugir de querer me encontrar, de saber que merda é essa que me entristece tanto, de achar um sentido para eu não ser parte desse rebanho podre que se autoprotege e não sabe nem ao certo do quê. Eu não vou relaxaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaar.

A única verdade que me cala um pouco e, vez ou outra, me transforma em alguém estupidamente normal é que virar um louco selvagem que fala o que pensa, sem amigos e sem namorados, só é legal se você tiver alguém pra contar o quanto você é foda no final do dia.

Respire, relaxe, medite e se mate

Estou de férias há duas semanas. A primeira passei no Bonete, em Ilhabela, e agora, em reta final de terminar meu intencionado descanso, estou em João Pessoa, na Paraíba.

No Bonete fiquei numa pousada confortável e bem decorada que dava de frente para uma praia tranqüila de pescadores. Fui com meu namorado que, além de ter um sorriso magnífico, me faz rir, me atura e pagou toda a viagem.

Aqui em João Pessoa, para onde vim sozinha com o intuito de mergulhar em mim e entrar em contato com o meu eu mais profundo, os dias têm sido cheios de um mar verde-água, sol e novos amigos bacanas.

Ahhhhhh... férias, que momento mágico, não?

Não. Passo cada segundo dos meus dias fazendo as contas de quanto tempo ainda falta para eu chutar a porta do meu apartamento em Perdizes, dar toda a roupa suja para a Maria lavar, tomar um banho de duas horas no meu chuveiro, com a melhor ducha do mundo, me enfiar num pijama mais fechadinho porque em São Paulo não faz tanto calor, e dormir no meu, meeeeeeeu, edredom antialérgico laranja (segundo a cromoterapia a cor laranja faz dormir melhor).

Eu até seria menos infeliz se achasse que todo mundo é louco assim, mas o pior é que, de verdade, eu acho que está todo mundo se divertindo.

Eu queria de verdade entender qual exatamente é o meu problema com a falta de problema. Dá um mau humor incrível pensar que eu não tenho nada pra pensar pelas próximas horas de deslumbramentos e preguiças. Calor me dá uma moleza chata que me transforma numa corcunda de cara apática e olhos quase sofredores, insetos me enlouquecem e pequeninos grãos de areia perdidos no lençol no meio da noite tiram o meu sono.

Com todo esse calor, os hotéis e pousadas ainda vêm com aquele papo de “salve os oceanos, tome menos banho, economize toalhas”. Não dá, preciso de uns três banhos por dia porque tenho pavor de ficar muito tempo salgada ou à milanesa. Fora a minha neura por sovaco, preciso ter certeza absoluta de que não estou com cheiro de ser humano.

Sim, sim, sou a típica urbaninha neurótica estressada que não entra no clima. Mas sabe o que é? Meu problema é gente.

Explico.

Ontem acordei e fui fazer uma longa caminhada pelas praias de João Pessoa, passei por verdadeiros infernos cheios de quiosques-bar com axé e *funk* no último volume e um monte de gente loira, com

berebas de calor e picadas de inseto, querendo ter gingado nordestino. Quase vomitei, desmaiei ou metralhei todo mundo. Isso é entrar no clima? Então prefiro minha casa.

Andei, andei, até que encontrei um pedacinho vazio de praia, com o mar calmo que nem piscina, morninho, e uma vista para um lago; fiquei horas ali e quase chorei de emoção. Confesso que entrei no clima e finalmente curti minhas férias.

O que não dá para agüentar é esse deslumbre com o verão, as pessoas falando tudo abreviado porque muito sol na cabeça interrompe pensamentos, esses *hits* de verão berrando no seu ouvido em qualquer canto que você esteja, e a multidão... não suporto a multidão. Não suporto esse fenômeno “barata que sai de baixo do móvel”, as estradas cheias, as tarifas altas, os tios barrigudos falando alto na praia, as poses de ladinho para fotos nos coqueiros tortos, as meninas ripongas com seus namorados surfistas tentando filosofar a respeito do quanto eles amam muito tudo isso mais do que amam o McDonald’s. Cara, gente é um saco.

Poderia até achar que tirei férias na hora errada, mas a verdade é que a errada sou eu. O acesso ao Bonete não é dos mais fáceis e, por isso, a praia não estava cheia, a pousada tinha poucos quartos e meu problema lá estava longe de ser a superlotação, muito pelo contrário: meu problema era sossego demais.

Eu acordava e pensava: até o final do dia, tudo o que eu tenho que fazer é contemplar o mar, tomar sucos variados de frutas fresquinhas, ler um livrinho, caminhar até uma cachoeira, dormir, me bronzear, beijar na boca, dormir, contemplar o céu, ler um livrinho, dormir, contemplar um cachorro brincando com um bebê enquanto o sol se põe, dormir. E de verdade essa possibilidade infinita de ser feliz me deixava de bode, a felicidade é algo para ser conquistado durante o dia, não pode vir assim de bandeja logo que você acorda. Dá tanto medo de perdê-la que você acaba perdendo de tanto pensar nisso.

Tanta paz abria espaço na minha mente para pensar que o peixe do almoço podia estar estragado e o único jeito de tomar um soro no hospital era fazendo cinco horas de trilha ou pegando um barquinho que demorava duas horas para atravessar o mar e chacoalhava demais. O helicóptero era só para casos muito graves e piriri não chega a ser caso de morte.

Sim, certeza, meu namorado acabou de olhar para a bunda daquela infeliz com uma tatuagem de Shiva no culote, aliás, algo me diz que é a décima oitava bunda que ele contempla por cima dos seus óculos escuros enquanto finge ler.

E por falar em ler, ele está com esse livro que ensina como andar e meditar pelo sétimo verão consecutivo; claro, é outro título, mas o livro continua o mesmo, o desgraçado não lê outra coisa, não tem outro assunto.

Quer saber? Não tô mais achando legal esses cachorros na praia, isso não traz doença? E esse esquema “comer em casa de pescador” já me encheu, como eu queria agora as entradinhas com pães e manteguinhas e as frescuras todas da minha cidade querida. Como eu queria agora poder reclamar que já pedi o prato há mais de uma hora e ser atendida por um gerente simpático que não fala mole; como eu queria agora fazer uma hidratação e uma escova neste meu cabelo, colocar um belo decote, um sapato

bacana e mostrar para essas sonsas maconheiras com tatuagem de Shiva no culote quem é que manda no quesito charme, quem é que arrasa quando a passarela é outra. Quem é que pára ruas quando o assunto é assunto.

Sou urbana, claro, adoro um cinema com filme europeu, um restaurante com *jazz* ao fundo, uma festa fechada só para amigos muito interessantes e cheios de manias. Ainda meio dormindo escuto o comandante dizer “tripulação, preparar para o pouso”, e meu coração se enche de alegria e paz, de volta a São Paulo, de volta à minha cama que só tem o meu cheirinho, de volta à comidinha da mamãe que nunca me deu dor de barriga, de volta à segurança de saber que, se eu precisar de um carro, de um amigo, de um bom filme ou de um médico, sei exatamente onde encontrar.

Chega de insetos, chega de areia, chega de roupas amassadas dentro da mala. A Marginal está completamente parada, a primeira visão da cidade é uma favela e um céu cinza. Milhares de caminhões na minha frente me tiram qualquer visão do horizonte.

Que saudade do silêncio do Bonete, que saudade do axé do Nordeste.

Romântica pra cacete

Nem todo dia tem sol, nem toda sobremesa é *cheese cake*, nem toda relação homem e mulher é romance.

E você vai fazer o quê?

Vai se matar por causa do cinza acima da sua cabeça? Vai tremer hipoglicêmica e carente porque só sobrou torta holandesa? Vai se manter virgem e intacta até aparecer o homem que vai te dar uma casa com cerquinhas brancas, cachorrinhos e bebês?

Claro que não, você vai viver a vida, curtindo o que ela tem de melhor. E o que um bonitão que só quer te comer pode ter de melhor? Bom, eu poderia fazer uma lista. Mas a droga do romance estraga tudo isso, a droga dos filmes românticos nos enganam como as propagandas de cerveja que enchem as imagens de gostosas e babacas segurando um copinho.

Por que raios a gente tem de romantizar qualquer demonstração de carinho de um homem se na maioria dos casos eles só querem nos comer?

E por que ficamos tão putas se eles apenas nos comem e caem fora?

Quem disse que eles são obrigados a nos amar eternamente só porque conheceram de perto a nossa beleza interior? E, finalmente: que mal há em sermos gostosas e os homens quererem nos comer? Por que isso parece ofensivo? Por que nos sentimos usadas se ambos estão lá de livre e espontânea vontade?

Isso é herança das mulheres pudicas, sonhadoras e donas-de-casa do século passado ou a célula do romance vai para sempre se multiplicar e passar de geração a geração por intermédio das mulheres?

Eu tento, juro que tento. Mas a droga do romance não me deixa em paz. Eu não tenho mais idade para ficar morrendo de vontade de dar para um cara e ficar enrolando até ouvir juras

de amor eterno (que podem ser só para me comer). Francamente, isso não é coisa de mulher! Mas depois passo anos pensando se não fui muito fácil.

Eu vou lá, mato minha vontade, tomo um belo banho, volto independente e resolvida pra casa e acordo no dia seguinte morrendo de vontade de ganhar flores, receber ligações românticas e promessas eternas.

É uma praga.

Conscientemente eu sei que nem todos os caras querem namorar comigo, e mais conscientemente ainda eu sei que eu também não quero namorar com a maioria deles. Mas lá dentro fica a dúvida: será que fui usada?

De onde vem esse sentimento fraco, submisso, antigo, arcaico, pobre e idiota de que numa relação sexual o homem é o dominante que come e a mulher, a coitada que é comida?

Claro que tem os babacas que nos fazem sentir assim, não se preocupam com o nosso prazer e agem na

velocidade do prazer deles.

Mas, tirando esses babacas (e depois que você experimenta um quase sempre fica descolada para afugentar os outros), por que um homem que te trata bem, te come direito, com carinho, com respeito, e depois não quer namorar com você te ofende?

E por que se ele te tratou tão bem, com tanto carinho e respeito, só quis te comer e caiu fora? Precisava se dar tanto trabalho?

A vida é complicada. E a vida é complicada porque nós mulheres romantizamos tudo, ou quase tudo. Ou justamente o que não deveríamos.

A gente faz planos mesmo em cima do silêncio deles. A gente vê beleza em cada sumiço. A gente vê olhares de amor no mais puro olhar de tesão. A gente acaba de trepar e é batata: deita no peito deles!

Ah, o romance! Mulher que é mulher não consegue fugir de um. Você pode até levantar apressada, fumar um cigarro, olhar a janela. Você pode disfarçar. Mas lá no fundo, bem escondido, estão seus sonhos de entrar de branco numa igreja e ver lá na frente aquele homem para quem você acabou de dar.

Você vai para o banho supersenhora de si, mas enquanto a água escorre levando restos de células esfregadas e sêmen, você fica na dúvida entre se ele vai ligar no dia seguinte e o nome dos filhos. Será que ele vai ter os olhos do pai?

Eu cansei de ser assim. Por que não consigo ver os homens como diversão se eles conseguem tão facilmente nos ver assim? Por que não posso aceitar que nem tudo é romance? Por que a droga da chuva me lembra de todas as vezes que eu voltei para casa sonhando e no dia seguinte deparei com a frieza do dia seguinte?

Por que a droga do *jazz* me lembra da vida perfeita que eu sonho a cada ombro cheiroso que me cega os problemas e me ensurdece a espera? Por que a droga da noite me lembra dos corpos amados que, ainda que cansados e tombados, nunca caíram por mim?

Onde está você, pelo amor de Deus? Onde está você? Não vê que estou cansada de pertencer a todos e não ser de ninguém? Não vê que minha devolução me enfraquece cada vez mais em me entregar? Não vê que na loucura de te encontrar não meço as entregas? E elas nunca são entregas porque eles nunca são você. Porque comecei esta história tão bem e mais uma vez esqueci de ser a mulher moderna que eu tanto gostaria de ser para lembrar a mulher romântica que espera por você a cada esquina, a cada decote, a cada riso nervoso que solto em forma de grito à espera do seu socorro.

Eu vou continuar vendo você em todos esses crápulas que fingem ser você para vulgarizar o meu amor. Eu vou continuar cheirando você em todos esses suores fugazes que me querem num conto pequeno. Eu vou continuar lendo a nossa história sem fim em contos pequenos.

Cadê você que some a cada som que não me procura? Cadê você que parece ser e nunca é porque desaparece no cansaço das relações? O meu amor acaba por todos, a minha espera cansa por todos, a minha raiva ameniza por todos. Mas a minha fé por você cresce a cada dia.

Eu posso transar no primeiro encontro, eu posso transar por transar. Eu posso trepar. Eu posso te

encontrar num *flat* na hora do almoço para uma rapidinha. Eu posso reclinar o banco do meu carro e mandar ver. Eu posso deixar você não me beijar na boca. Eu posso aceitar que você nunca me leve de mãos dadas a um cinema. Eu posso ser uma noite e nada demais. Eu posso ser um banheiro e nada mais. Eu posso ser nada mais.

Mas eu nunca, em nenhum momento, deixo de romantizar a vida, cada segundo, por mais podre que ela seja. Eu nunca deixo de procurar você. Eu nunca deixo de acreditar que você exista, e eu nunca deixo de acreditar que você faz o mesmo, à minha espera.

Sai da frente, feiosa

Ando me sentindo meio feia, sei lá. Deve ser normal. Deve ser normal se sentir feio de vez em quando. Se sentir jogado pelos cantos, cuspidado, pisado, ignorado, largado como se joga uma latinha de cerveja que esquentou, e esquentou pelas próprias mãos de um filho-da-puta qualquer.

Minha auto-estima depende de você, de qualquer um. Se você falar que eu sou bonita, pronto, eu acredito. Mas, se você sumir por alguma razão, vou achar que é porque sou feia. Simples assim. Ignoro que você possa ser veado, possa ser fraco demais para uma mulher como eu, possa ser brocha. Possa gostar de mandar e aqui quem manda sou eu, possa ser rapidinho demais, possa gostar de mulher burra, possa não saber gostar. Ignoro e vou direto na minha ferida da adolescência: ele sumiu porque sou feia.

Na adolescência eu era meio feia, sei lá, eu acho que era; os outros tinham certeza. Tinha o cabelo meio ruim, usava uns óculos nada charmosos, era reta, quer dizer, era reta por não ter bunda nem peitos, mas na verdade eu era meio em “s” porque era um pouco corcunda. Era bem mais ou menos, meia-boca, sei lá. Ser mais ou menos me mata. Está até na Bíblia: “venha quente ou frio porque, se vier morno, eu vomito”. Mais ou menos me mata.

Foi então que eu resolvi, já que não poderia ser a mais gostosa por uma questão de nascimento, nem a mais inteligente por uma questão de preguiça, ser a mais estranha e a mais engraçada.

Hoje eu sou assim, estranha e engraçada. Falo besteira o dia todo, faço todo mundo rir, imito os outros, uso roupas estranhas, tenho estranhas constatações a respeito da vida. Faço caretas ridículas, posso deixar de ser fina num segundo se falar escatologias ou falar putarias for divertir uma mesa qualquer de amigos.

Mas de verdade eu só queria que alguém falasse para mim: ei, você é bonita, pára de se expor tanto, pode ficar quietinha, pode fechar o decote, pode parar com esse riso nervoso, tô reparando em você, você é bonita.

Traumas de adolescência são uma merda.

Hoje eu sou mais pra mais do que pra menos, mas tenho dias de bem menos, muito menos. Estou num dos dias de ultramenos. Traumas de adolescência são uma merda. Nesses dias eu não vejo a mulher maravilhosa que me tornei (agora meus óculos são ultracharmosos, meus peitos e bunda cresceram e mesmo com a preguiça tenho a mais inglesa das inteligências: sou irônica), vejo a menina que tinha medo da hora do recreio porque os moleques gritavam: sai da frente, feiosa!

Minha alegria é saber que a maioria das gostosas daquela época já estão todas caídas, afinal quem tem bunda grande com doze anos já está sentindo o geladinho do chão com quase trinta.

Mas hoje eu tô escondida. Eu, que gosto tanto da minha passarela, hoje tô com vontade do peso do

chão em cima da minha cabeça.

Os espelhos me escravizam e o tempo todo olho para eles tentando achar um ponto de fortaleza na minha auto-estima. Mas ela anda tão apagada que não reflete. Sou um vulto andando por aí; as pessoas mal me dão passagem porque não me vêem. Ou eu não vejo que me vêem. Ou eu não vejo nada além da síndrome da feiúra que me ataca vez ou outra.

Você se sente assim? Você se assusta com a outra pessoa sem brilho que aparece sem avisar no seu espelho? Você repara nos outros neuroticamente tentando encontrar uma feiúra maior que a sua para que você se sobressaia, sossegue, sei lá? Você morre às vezes? Meu charme foi enterrado, minha beleza é um defunto. E minha morte é feia, só pra piorar.

Salva, deleta

Era meio caipira e tinha aquela cara de que a qualquer momento mandaria ver num momento machista dos mais estúpidos. O fato é que quando eu já estava desistindo daquele fim de tarde sonso dentro de um carro que chacoalhava tanto que chegava a ser indecente para um primeiro encontro, ele me disse: “já reparou que na calada da noite tem sempre um louco que grita desesperado?”.

Me apaixonei na hora, namoramos quase meio ano. Um belo dia ele implorou minha fidelidade, quando estava indo visitar a família no interior, como se fosse o terceiro filho de Francisco: “jura que se comporta, Tatinha?”, e minha ficha caiu, terminamos.

Era a quinta vez que eu refazia uns roteiros para comercial de banco quando o atendimento entrou na sala do meu chefe e disse que não dava mais para adiar a reunião, teria que ir com o que tinha e fim de papo. Meu chefe, que tinha as sobrancelhas muito longe dos olhos e já estava a um passo de me encantar apenas por este fato, levantou e disse: “se quiser levar merda, então tá pronto”.

E eu caí de quatro. Sim, ele estava falando que meus roteiros eram uma merda, sim, eu preciso muito de terapia porque adoro sadomasoquismo intelectual. Naquele dia eu estava fadada a virar namoradinha do chefe e foi o que aconteceu por alguns anos.

Eu me aproveitava do fato de ele ser mais velho e pai de meninas para virar uma criancinha pidona, mas em vez de fazer escândalo em lojas de brinquedo eu o aterrorizava para ganhar elogios. Um dia eu estava no auge da minha alegria pura, deitei no colo dele e pedi que ele falasse de mim, ao que ele prontamente atendeu: “você se acha mais esperta do que é, faz mais drama do que deveria e compete o tempo todo”.

Nenhuma mentira, mas dito totalmente no momento errado. Se eu tivesse um pinto naquela hora, ele teria diminuído tanto de tamanho que viraria uma verruga. Naquele exato momento olhei bem pra cara dele, contei mais de cem rugas e achei um absurdo aquelas sobrancelhas serem tão longe dos olhos. Estar ali virou uma merda muito maior do que os meus roteiros.

O amor para mim é um botão de salva e deleta, totalmente movido por panes no meu sistema, infectado por vírus que são causados por essa soma da magia das pessoas e do cosmo. Eu passo de apaixonada a entediada, e vice-versa, em um toque, ou melhor: em uma frase, uma respirada, um cheiro, uma saliva.

A última vez que me apaixonei foi num jantar que não existiu. Passei horas me arrumando e, quando finalmente cheguei ansiosa e atrasada na casa dele, ele havia acabado de chegar da academia e estava todo suado e perdido. Sentou no sofá, olhou igual a uma criança de seis anos pra mim e disse: “e agora?”.

Eu senti vontade de responder: “e agora, mesmo você sendo um bombadinho playboy indolente, que

tal se a gente pedisse uma pizza e ficasse junto até os 98 anos de idade?”.

Ainda faltam muitos anos, até lá meu computador pode ser contaminado mais uma vez pelo vírus do tempo que fode tudo e exterminar meu amor, só que uma coisa engraçada acontece: todos os dias a gente se dá motivo para apertar o botão de deletar, mas alguma coisa maior faz a gente salvar tudo a tempo.

Seja ela quem for

Você olhou para o nada, eu querendo morrer com seus olhos azuis estragados, e me disse que o grande amor da sua vida já tinha passado.

Não podia me dizer o nome, não podia me dizer nada. Queria mudar de assunto e, pra variar, fez piadinhas idiotas para desfazer meu olhar de morte.

Pro inferno que você ia me deixar daquele jeito, eu precisava de nomes, eu precisava de motivos, eu precisava de cheiros, cores de calcinhas, comprimento de cabelos, pintinhas do dedão. Eu precisava sofrer até a última gota do sangue azedo que tinha me invadido e despertado minha obsessão.

Não se solta assim um verme “corroedor” de almas no ventre de uma mulher ciumenta e depois se pede mais água com gás pro garçom.

Eu precisava saber o que essa mulher formidável havia feito para merecer aquele seu olhar de devoção preguiçosa, algo entre o melancólico e o submisso, entre a saudade e o repúdio. O olhar que toda mulher sonha causar em um homem.

Eu precisava olhar com uma lupa para a bunda daquela vaca; aposto, aposto cem mil dólares que é dura. Certeza, só uma mulher muito gostosa enlouquece um homem a este ponto. E só uma mulher muito gostosa simplesmente dispensa um homem daqueles.

Não, nada disso. Ela é muito bem resolvida, isso sim. Ela até tem celulite e é um pouco flácida. Mas é daquelas mulheres chiques que sentam na beira do sofá com uma roupa-cara-despojada-para-ficar-em-casa e tomam vinho em taças gigantes.

Ela tem um cachorro grande, tipo labrador, e faz carinho no pescoço dele enquanto pede para você escolher um disco. Ela tem uma vitrola, coloca Billie Holiday e ri deliciosamente quando derruba um pouco de vinho no tapete felpudo branco, que combina perfeitamente com seu aconchegante apartamento *clean* de mulher em vias de se tornar bem-sucedida.

Ahhhhhhh... se for isso, tá no papo. Aposto como você prefere um milhão de vezes o meu jeito de menina perdida; homem gosta de cuidar, não?

Ou será que é uma garotinha? Hummmmm, estagiária, doce suor ginásial, pele dura, malícia ingênua, deslumbre inocente, meio burra sobre política, meio tapada para livros, só gosta dos rocks que estão na moda e associados a algum evento com patrocínio de celular. E música eletrônica, claro.

Bom, se for isso, você deve preferir o CD que eu gravei só com músicas antigas e boas para a gente transar quando você volta seus olhos de sangue pisado para mim.

Ele fala uma ou duas coisas idiotas que me chamam a atenção apenas porque coisas idiotas sempre me chamam a atenção. De resto, não faço a menor idéia do que acontece fora da minha cabeça obsessiva em

decifrar quem seria a mulher misteriosa.

Aliás, acabei de me lembrar da palavra mágica: mistério.

Fulana devia ser o mistério em pessoa. Dessas mulheres sérias, dessas mulheres que conseguem simplesmente não se interessar pelo mundo gritando existência lá fora e cagam para grupinhos felizes formados por suicidas potenciais que comemoram mais um dia de vida aceitando-se mutuamente.

A vaca era misteriosa, não tinha jeito. Mas uma mulher misteriosa ia rir daquele mala quarentão cheio de piadas ruins? Ela ia tomar banho enquanto ele fazia xixi e arregaçar a perna para lavar com esmero cada cantinho e dobrinha da sua xoxotinha? Uma mulher misteriosa ia falar xoxotinha?

Uma mulher misteriosa ia rir copiosamente durante duas horas do seu primeiro pum? E ia continuar mantendo a esportiva nos próximos puns?

Não, ela era fresca demais pra isso. E por isso ele ainda ama essa filha-da-puta, porque, quando o homem respeita mesmo uma mulher, ele fica nervoso demais para ficar à vontade. Se bem que nervoso dá ainda mais vontade de soltar pum. Mas com ela o desgraçado devia segurar.

Mas será que é bom ficar sempre nervoso na presença de alguém? Colocar uma mulher muito no pedestal não significa não conseguir abraçá-la e viver sozinho?

Marília, ele me disse antes de eu descer do carro. O nome dela era Marília. E sorriu, vingando-se de todas as mulheres que já o haviam deixado perdido. Ele sabia que, naquele momento, eu era o cachorro de mudança do cego em tiroteio.

Ela nasceu de várias partes de mim. De minha auto-estima problemática, meu poder de autodestruição, minha possessividade, ciúmes, neurose, curiosidade, obsessão, e principalmente da minha necessidade em criar personagens e controlar o mundo. Sou mais uma mulher normal parindo alguém para amar incondicionalmente.

A morte. A personagem do livro com quem pra sempre vou sonhar e sobre quem nunca escreverei. Ela está dançando *sexy* porque só quem tem o cabelo longo, calmo e sempre encaixado pode dançar assim. Ela diz para todos os homens que morram por ela, e eles descobrem que podem morrer ainda mais.

Ela fala seu nome do alto, Marília parece alta. Ela fala colocando o cabelo atrás da orelha, a voz é firme, de mulher que sabe que é linda desde os dois meses de idade. Eu sinto o lábio dela sussurrando aqui no meu ouvido, meu nome é Marília, e é como se eu pudesse ter uma ereção. Seguro o buraco no meio das pernas com medo de espalhar meus absurdos pelo mundo.

Em todas as fotos ela está sorrindo, quem estiver ao lado está quase infeliz; quanto mais sorri, mais infeliz. Marília rouba a cena de qualquer um, é impossível ser feliz ao lado dela. Deus não consegue desviar os olhos de Marília enquanto ela brinca com uma folhinha que nasceu na esquina de uma cachoeira entre uma pedra e outra.

Enquanto isso, homens amestrados descem a cachoeira em todas as possíveis posições para divertir Marília, ela sorri, ela nunca está de mau humor. Deus não dá a mínima para eles, que só não se esfolam inteiros porque a dor do peito em ver Marília dói mais que qualquer desgraça.

Ela, apesar de não existir, me persegue em todos os lugares.

Todos os dias ela transa com meu namorado, ela namora, para matar a saudade, provar poder, defender território ou simplesmente se divertir, com todos os meus ex-namorados. Todos os dias ela rebola a bunda mais perfeita do mundo para mim, o que me faz, quase arrastada, subir as escadas da minha academia para alcançá-la.

Claro que passei a noite em claro escrevendo Marília no Orkut, no Google, e repetindo seu nome estupidamente para meu cérebro, como se cada letra fosse mais uma peça igual da minha linha de montagem sem fim e neurótica.

Marília podia ser mineira de BH, 25 anos, formada em odontologia, interessada em amigos e *network*.

Marília podia ser uma artista plástica que faz uns passarinhos desinteressantes com papel colorido e fez um site brega para divulgá-los.

Marilinha era garota de programa e topava dupla, p. na bu... e no c... E estava escrito assim mesmo no seu site.

Marília passou em quarto lugar na faculdade São Francisco em 2003, Marília era amiga da Mari, uma menina idiota cheia de amigas idiotas. Marília era o quinto lugar do concurso de poesia de Catanduva.

Marília era dona de um *curriculum* com experiência no pacote completo do Office 2005.

Marília tinha dezesseis anos e um blog cheio de dúvidas sobre a vida. Marília, essas dúvidas vão continuar aí quando você tiver trinta anos, a diferença é que você aprende que não morre por não saber nada nessa vida.

Marília era dona de uma pousada com seu marido gringo, no site da pousada tem uma foto da negra Marília gorda com seu marido magro e alemão.

Marília era estudante da faculdade São Judas Tadeu, Marília era entrevistadora e artista, Marília era vocalista de uma banda só de mulheres, Marília deixou um recado no Orkut da sua amiga Ceci dizendo que sexta ela quer quebrar tudo na festa. Marília dos Santos Teixeira Nóbrega é cientista, Marília é Atlético Clube, universidade, faculdade, cidade, igreja, motel, mãe.

Marília era alguém que dormia essa hora, enquanto minhas vísceras invejavam a sua ausência.

Marília, como todos os que fantasiamos merecer um amor eterno e absoluto por serem perfeitos, não existia.

De tanto odiar Marília, eu amava Marília. De tanto fantasiar, de tanto tentar aniquilar minha existência, de tanto ver Marília em todas, de tanto não ver Marília mas saber que ela está por aí, assim como a morte e as possibilidades de solidão, de tanto sentir Marília pisar em mim com salto agulha e me furar os olhos com seus cabelos fortes e lisos, de tanto esquecer Marília o tempo todo porque o tempo todo eu só pensava nela...

Eu resolvi fazer esta história e mandar a Marília tomar no meio do olho do cu dela. Seja ela quem for.

Como ser feliz domingo em São Paulo

Nenhum namorado pra fugir pra montanha, nenhum tio rico pra te levar pra Nova York, nenhum amigo disponível com casa na praia. Você tá meio sem grana mesmo e resolveu que o melhor é encarar mais um final de semana em São Paulo.

Nos 47 do segundo tempo da sexta-feira, seu chefe querido comunica com cara de “é nessas horas que eu quero ver quem veste a camisa” que você foi escalada pra trabalhar no sábado. Lá no fundo da sua alma você se sente uma pessoa de sorte, afinal, não vai ter que acordar amanhã desesperada buscando o que fazer para se divertir.

Resumindo: você está feliz porque não precisa pensar na vida, você está na merda.

O sábado passa como um dia qualquer da semana, daqueles que você se coloca no automático e repete em mantra robótico: “o trabalho enobrece o homem, sem trabalho eu não teria essa calça da Diesel; o trabalho enobrece o homem, sem dinheiro eu não teria comprado minha nova caixa de som iPod para dar festinhas para meus amiguinhos; o trabalho enobrece o homem, vou trabalhar o máximo possível pra um dia ter dinheiro suficiente pra fazer alguma coisa que eu não faço a menor idéia do que seja”.

Sábado à noite você está esgotada, que bom, que alívio, mais um sábado se foi e levou consigo o tormento da felicidade. Você pode dormir em paz. Mas peraí: e amanhã? Seu chefe não falou nada sobre amanhã. Isso significa que o amanhã pertence inteiramente a você. Um dia inteiro pra você fazer tudo o que gosta e nunca pode fazer. Ou um dia inteiro pra você descansar, não fazer nada, ler, alugar um filminho, dormir... bom, só lhe resta torcer para que amanheça chovendo. Fica difícil não fazer nada ou simplesmente se dar o direito de ficar em casa com o dia explodindo de sol lá fora. Isso, amanhã vai chover, tomara, tomara.

Você acorda suada de tanto calor, o dia está maravilhoso. Que merda. O dia está lindo, lindo, mas já é quase uma da tarde e lá se foi a manhã mais uma vez. Dane-se, o que de bom você teria feito numa manhã de domingo em São Paulo?

O Parque do Ibirapuera está cada vez mais insuportável, parece o metrô às cinco da tarde em dia de greve de ônibus. Tomar café-da-manhã em padarias charmosas implica fazer o desjejum ao lado de 456 pessoas tão desesperadas quanto você para fazer algo bacana. Ninguém quer acordar e encontrar 456 pessoas desesperadas.

Comprar o jornal e ler num banquinho de praça? Seria lindo, se a praça mais perto da minha casa não

ficasse a três bairros de distância e não estivesse abarrotada, com 456 pessoas tão desesperadas quanto eu para fazer algo bacana.

Academia no meu prédio? Claro! Como não pensei nisso antes? Não tenho praia, não tenho parque, não tenho praça, mas tenho o conforto de morar em um prédio com infraestrutura!

As duas tias que falam igual gralha e imitam o corte da Ana Maria do papagaio ocupam quatro esteiras. Não me pergunte como dois corpos ocupam quatro lugares, mas ocupam. As esteiras que não estão sendo usadas servem de cabides e vestiário para as coleguinhas da melhor idade. Muita gente acha que pode tudo depois que passa dos sessenta e fica meio sem noção, igual criança. E por falar em criança... várias delas correm sem parar pela academia, caem, choram, soltam ranhos pelos quatro cantos, chamam a mãe, competem para ver quem agüenta o maior peso, levam bronca dos pais, soltam mais ranho.

Os malhados do meu prédio também estão lá, falam alto e com voz de bobo o quão boa estava a “superirada party insane guetto mega blaster party” de ontem. Eles pegaram toooooooooooooodas e causaram. No fundo, enquanto exibem o muque e não conseguem ter um único segundo de conversa interessante, tudo o que eles mais queriam era pegar um no membro masculino do outro. Desisto, eu e minha toalhinha rosa voltamos para meu apartamento desiludidas e angustiadas. O que fazer do meu domingo? O que fazer da minha vida?

Claro! Como não pensei nisso antes? São Paulo é a melhor cidade do mundo para almoçar em um restaurante bacana com amigos bacanas. Munida de “Guia da Folha” e agenda telefônica, começo a luta por uma vida menos ordinária. Meus amigos bacanas estão todos na praia, tentaram desesperadamente me chamar para ir com eles no sábado mas meu celular não pega direito dentro do escritório. Só uma amiga se encontra disponível para o almoço, mas ela já avisa: “tô super mal-humorada de ter ficado em São Paulo”.

Depois de oito tentativas frustradas em sentar decentemente numa mesa decente e ser bem atendidas, eu e minha amiga, que já nem fala mais para não berrar, resolvemos não tentar mais nenhum restaurante lotado, com estacionamento lotado, rua lotada... e comer na minha casa mesmo. Eu lavo a salada, ela grelha um peitinho de frango. São seis da tarde já, meu corpo pede descanso, mas descansar do que se ainda não fiz nada?

Cinema! Claro! Domingo em São Paulo é sinônimo de cinema. Nem pensar; lembro dos restaurantes e imagino que os cinemas estejam ainda pior.

Peças de teatro já vão estar esgotadas, passear no shopping é deprimente, alugar um filminho com esse dia lindo é deprimente... então o que, Meu Deus! O quê?

Espero calmamente minha amiga ir embora e abro meu *laptop*, trabalho até duas horas da manhã. Ótimo, assim amanhã saio mais cedo e dou uma corridinha no parque, vejo um filme sensacional ou combino com alguns amigos de jantar em um restaurante excelente.

São Paulo é uma cidade perfeita para se trabalhar quando todo mundo se diverte e se divertir enquanto

todo mundo trabalha.

O homem da escada

Ele comia a professora de power ioga do 43, comia a ex-semivirgem que de tão magra a gente via os pêlos pubianos, porque o osso da bacia levantava o biquíni, e comia até a Rose, mãe da Paulinha, mulher casada havia doze anos e meio e que vivia suspirando e esticando os pés de galinha no espelho do elevador.

Um belo dia, o porteiro encheu os olhos de vida e contou para a minha empregada: “Ele comeu a dona Silvia na escada do prédio”.

Dona Silvia não prestava nada, até cantavam pra ela da quadra lá embaixo: “ô Siiiilvia, piraaaanha”. Coisa que os pais devem ter ensinado, porque essa música é velha demais para estar na boca de adolescentes espinhentos que batem *playstation* todos os dias. O fato é que o porteiro encheu muito os olhos de vida e continuou: “deu pra ver tudo pela câmera de segurança, ela ficou de quatro e ele mandou ver... uma, duas, três vezes”.

Não sei ao certo se a máquina sexual em forma de vizinho pagava uma caixinha para o porteiro sair pelo prédio espalhando tantos elogios ao seu desempenho, e por isso mesmo comia todo mundo, ou se aquilo era apenas uma conversa corriqueira na porta da minha cozinha, entre uma canção e outra da rádio evangélica da Maria. Só sei que comecei a gostar tanto do papo, que até sentei pra ouvir melhor.

O porteiro soltou uma imensa gargalhada, transbordou de vez uma louca vida dos seus olhos, e concluiu: “antes de largar a dona Silvia lá, caída no chão, ele fez um tchauzinho pra câmera de segurança, a gente tava tudo lá, eu e os outros, e aplaudimos o seu Flávio de pé”.

Eu não precisava ouvir mais nada, estava decidido, ia dar pra esse cara, esse cara era o cara, era o comedor, era o homem perfeito pra gente se divertir um pouco enquanto o amor não vem. Era o cara pra esquecer o romantismo e celebrar a vida mundana.

Sim, eu sou uma nova mulher, uma mulher que faz curso de astrologia, ioga, meditação, mitologia. Uma supermulher decidida a morar sozinha, decidida a ser feliz sozinha, decidida a viajar pela Europa, decidida a nunca mais ter um emprego idiota que não permita cursos divertidos, viagens e curtir a minha plena existência. Independente, espiritualizada, analisada, madura... mas, francamente: o cara mandou uma, duas, três na escada, e ainda deu tchauzinho pras câmeras? Que se dane o espírito e a evolução, meu ego precisava trepar com esse ser divino e pronto.

Usei minha tática predileta para comer um homem: um dia, como quem não quer nada, numa dessas cruzadas pelo estacionamento do prédio, contei que era escritora. Não sei explicar o que acontece, mas quando um cara descobre que eu escrevo, é mais de meio caminho andado para querer desesperadamente me conquistar.

Não sou *promoter* da Lotus nem faço parte do “superinsane guetto no brain mega pop star das supergatas iradas da festa do branco do Sirena”, sou apenas uma escritora que senta a bunda flácida de frente pro *laptop* e escreve a porra do dia todo. Mas eles não estão nem aí, eles querem comer minhas personagens, minhas putarias, minhas neuroses, a fotinho que sai na coluna da *VIP*, minhas fãs do Orkut, minhas estranhezas, o glamour da literatura, sei lá... “Uma loirinha jeitosinha e ainda sabe escrever mais de um parágrafo sem falar ‘tipo assim, irado’? Desse tipo ainda não experimentei.”

Não deu outra. No mesmo dia, provavelmente após ele ter lido alguma coisa minha (claro que dei todas as pistas), chegou um longo e-mail com mil elogios à minha sensibilidade e um amável convite para ir jantar no dia seguinte.

Topei e corri para o armário: o homem que deu uma, duas, três na escada e ainda deu tchauzinho para a câmera merecia a produção mais *sexy* do mundo.

Achei estranho quando flores chegaram pela manhã e mais estranho ainda quando ele abriu a porta do carro para mim. Mas tudo bem, daqui a pouco o macho animalesco ia surgir e me comer em cima do capô, atrás da igreja ou no banheiro do restaurante. Aquilo tudo era figuração para prorrogar o clímax e torná-lo ainda mais feroz.

Fez questão de pedir um vinho chique de uma uva sul-africana chique e ainda pediu que acendessem as velinhas da nossa mesa. Segurou minhas mãos, brilhou os olhos e falou cheio de ternura: “ontem você me fez chorar”.

Não, não, ele só pode ter confundido o verbo, provavelmente quis dizer: você me fez gozar, me fez ficar louco, me fez ter que dar uma, duas, três no banho, me fez qualquer coisa mais animadinha... mas chorar?

Ele continuou: “sabe, não agüento mais essas conquistas vazias pelo mundo afora, o sexo sem alma, a falta de companhia inteligente para uma vida”.

Mas justo na minha vez? Poxa, a professora de ioga tinha gritado tanto na sauna que deu pra ouvir até no quarto andar seus mantras. Depois ele desvirginou a modelete ossuda que vivia pagando de gatinha na piscina e até eu queria pegar, depois quebrou o galho da Rose que via o mesmo pinto mole havia mais de doze anos, e fechou com chave de ouro comendo a Silvia tal qual uma cadela. Justo na minha vez ele ia querer filminho do Hugh Grant embaixo do edredom? O que eu tinha feito para merecer tamanho desprezo?

“Olha, eu vi em você o que eu sempre procurei em uma mulher: profundidade.” Então, amigo, isso mesmo, profundidade, não vai querer conhecer a minha profundidade agora embaixo da mesa?

Ele passou a noite toda olhando nos meus olhos, sem desviar sequer um segundo para meu decote. Contou da separação dos pais, da dificuldade da irmã em engravidar (aproveitando para deixar claro que ele está louco para ser pai) e do quanto amava os cachorrinhos, a natureza e o amor.

Quando finalmente chegamos juntos ao elevador do nosso prédio, ele apertou seu andar e o meu, matando de vez qualquer esperança minha de ser devorada loucamente naquela noite. Se despediu com

cara de bobo e ainda mandou uma mensagem de texto pelo celular quando eu já estava frustradamente deitada na minha cama: “foi uma das melhores noites da minha vida”.

Dormi mais uma vez me sentindo usada pelos homens.

Mortes do dia-a-dia

Respondi a todos os meus e-mails usando a palavra eternidade, escutei “Close to me” pela última vez no meu iPod cor-de-rosa, olhei mais uma vez com desdém e nojo para todos os medíocres do mundo corporativo, com suas frases de efeito e poses de neurolingüística, e cocei os olhos, ficou tudo embaçado e eu preferi assim: sempre tive mania de embaçar a vista nas cenas mais fortes dos filmes. Andei calmamente até o vão aberto do prédio onde trabalho, lembrei da piada que a minha avó contava: “prefiro a morte do que o cheiro forte”, e mordi meus lábios bem profundamente até sentir meu salgado na boca.

Foi tudo muito rápido entre a emoção do vôo e o batuque definitivo, e destoante da entrega pura, no chão. Nenhum anjo apareceu e eu ainda fiquei viva por um minuto. Foi tempo suficiente para eu olhar o mundo sem a intenção da perfeição e sem o peso do próximo minuto. Viver nunca durou tanto.

Você dormia, estava sol e não tinha iogurte na geladeira. Quando você dorme, eu tenho ciúme dos seus sonhos, da sua ausência, da sua história, da sua lacuna, da sua morte, da sua vida paralela, dos seus mistérios, da sua solidão, da sua tranqüilidade em se entregar à tranqüilidade. Quando faz sol, eu tenho um desespero de vida tão grande que preferiria que não existisse vida. Não vivo sem iogurte.

Quis falar com alguém, mas quem? Todos eram humanos e eu precisava de uma resposta divina. O fio do telefone não bastou e eu precisei segurar a respiração até o chão da sala se fechar num quadrado bem pequenininho e sem cor. Ganhei de você que vivia promovendo concursos de apnéia na piscina. Mas nunca mais receberia prêmios: ver você tão menino fazendo brincadeiras bobas, ver você dormindo. Morrer foi tão absurdo quanto o amor que eu sinto por você.

No ônibus a menina perguntava à colega (porque maloqueiro não tem amigo, tem colega) qual era mesmo a promoção que dava um copo. A amiga estava em dúvida entre o risoto e a pizza. As duas cheiravam a creme barato e sebo, aquele sebo que os táxis mais antigos carregam: uma mistura de cheiro de multidão com cheiro de pano barato ao sol. Elas falavam muito caipira e coçavam com a unha grande do dedinho uma casquinha na testa, casquinha essa que podia tranqüilamente ser uma seborréia. Elas tentavam fazer caber em um sapato breguíssimo, que queria parecer fino, pés inchados e suados, com esmalte cintilante.

Minha bolsa era enorme e desejei com todas as forças do planeta uma faca imensa. A faca apareceu. A faca desapareceu no abdômen flácido e peludo da primeira colega, logo depois de desaparecer no peito imenso e sufocado, que queria sugerir sexualidade, mas só inspirava a sodomia com porcos, da colega número dois. Lambi o sangue em homenagem ao animal cruel que mora dentro de mim e decepei minha cabeça preconceituosa. Meu coração cinza pulou duas vezes e sossegou depois de ser pisado pelo sapato

breguíssimo que abrigava agora um pé sem alma. Não há uma só pessoa que mereça a vida, tampouco a morte.

Encontrei a moça sorrindo e entrando no carro. Ela carregava na calcinha um pouco do seu sêmen porque o banho rápido não tinha tirado toda a sua entrega do corpo dela. Ela era tão leve e sensual, ela não sofria com milhares de grampos para segurar um cabelo rebelde e estranho porque os dela eram simples e ajeitados como a vida deveria ser. Ela era tão normal, ela era tão banal, ela simplesmente acordava, vivia e dormia como todos que não enlouquecem e constituem família. Na minha cabeça escutei de uma só vez todos os seus gemidos, sua explosão, sua libertação da minha existência. Senti uma dor longa que saía do meio da minha vagina e cortava meu cérebro em duas partes desconexas. O gosto que ficou na boca era sangue pisado com cheiro de vela de defunto. A morte me invadia tanto que olhei cada centímetro do mundo com a saudade de quem não podia mais tocar a vida. Voei até a sua janela esperando encontrar você deitado e extasiado à meia-luz, com o pinto cansado e murcho, mas você não estava em casa. Você não enjoou de mim coisa nenhuma, não existe a moça perfeita, eu ainda sou a mulher imperfeita que você ama. Mais uma vez morri à toa.

O cinema estava gelado, o homem ao lado tinha aquele cheiro de testosterona com desodorante que sempre me excita, a namorada dele era uma daquelas meninas fadas que eu jamais conseguirei ser. Eles falavam tão baixo que pareciam gemer; senti uma falta sua tão grande que desisti de tentar superar de novo a sua falta.

Corri pelas lojas, depois pelas ruas, depois pelos bairros, depois fugi da cidade, depois peguei um avião para fugir do país. Do céu eu tive a certeza de que estava mais uma vez morrendo de saudades do que nunca vivi.

Milu Minei, o mestre

Cansada de ouvir todo mundo dizer que depois da ioga você se torna uma pessoa muito mais feliz, resolvi arriscar. Entrei na sala e, com toda a humildade que eu não tenho, avisei: a última vez que eu fiz ioga na vida foi com uns velhinhos no Ibirapuera, há dez anos.

A professora estava concentrada trabalhando pela energia da sala e não me deu muita atenção. Enquanto ela inchava e desinchava seu abdômen, de uma maneira que se eu fizesse provavelmente descolaria minha barriga, eu reparei em três coisas que, automaticamente, começaram a me fazer espirrar: gatos, cobertores de lã e incensos por todo lado.

Ela finalmente se levantou, olhou fundo nos meus olhos irritados pela alergia e disse, como quem diz a coisa mais simples do mundo: “não se preocupe, por hora só o que você precisa fazer é um *sukasana* ou, se preferir, um *siddhasana*. Agora, se você tiver um bom alongamento, pode tentar também o *padmasana*. Sim?”. Eu fiz um longo “sim” com a cabeça e assim permaneci por mais dez minutos. A única coisa, de tudo o que ela havia dito, que eu sabia fazer, era o tal do “sim”.

Os outros alunos se exibiam fazendo posturas estranhas em que os pés eram substituídos pelas mãos, a cabeça pela bunda, o joelho pelos braços, o queixo pelo cóccix e vice-versa. Não me perguntem o que isso quer dizer.

Comigo o tratamento era diferenciado. Isso ficou claro quando ela mandou todos os alunos ficarem em *virabhadrasana* enquanto eu ficava em *adhomukha svanasana*. Ela se aproximou e me disse baixinho: “enquanto eles fazem o herói, você faz o cachorro olhando pra baixo, ok?”.

Até aí tudo bem, sem problemas, eu estava mesmo em um dia mais humilde. Mas todo mundo sabe, na história dessa coisa chamada humanidade, que cachorros e gatos não se dão muito bem. Para o meu desespero canino, tive de ficar com o focinho enfiado nas costas da gata mais felpuda da escola por longos e infinitos três segundos. Não lembro ao certo, mas acho que tive uma série de espirros digna de entrar para o *Guinness*. Com direito a coçadas animaiscaas por todo o corpo, mais parecidas com danças de macaco de circo, e mucos nasais de diferentes consistências espirrados na minha *mat* (a esteirazinha que você compra para a prática).

A professora agora queria despertar a nossa *kundalini* e, para isso, tínhamos que fazer uma série de *pranayamas* que ia nos esquentar por dentro. Fiquei com medo... esquentar por dentro com essa palavra estranha que começa com “cu”... só o que me faltava agora era aquele bando de gente zen começar a soltar pum.

O exercício consistia em inspirar fundo e expirar rapidamente e com muita força pelo nariz, como se todo mundo resolvesse assoar o nariz ao mesmo tempo, um na nuca do outro. Eu, que já estava completamente entupida por causa da rinite, achei melhor não arriscar. Fiquei com a minha *kundalini* adormecida mesmo, mais seguro.

Vendo todos os meus embaraços e minha falta de flexibilidade, os alunos começaram a comentar: “aquela ali tem o corpo escuro”. Fiquei me perguntando o que exatamente significava isso. Será que todos eles eram iluminados por dentro e só eu vivia nesse templo esquecido e mórbido chamado espírito? Será que eu tinha me cagado fazendo tanta força? Será que minha aura estava poluída? Será que em pleno século XXI as pessoas ainda são racistas com quem tem o corpo escuro?

Momento de relaxar; esse devia ser fácil. Eu apenas tinha que fechar os olhos e lembrar de alguma coisa muito boa. A mestra ainda deu as dicas: cachoeiras, montanhas, praias... Só o que eu conseguia pensar era em dar na cachoeira para um morenã bem forte, no alto de uma montanha para outro morenã bem forte e numa praia deserta para os dois morenões bem fortes das primeiras visões. Isso não ia dar certo.

Será que eu nunca ia ser uma pessoa zen? Bom, eu já era zen dinheiro, zen bunda, zen namorado, zen saco e zen paciência. Essa piadinha é péssima, mas eu a adoro.

Minha suruba praiana foi interrompida por um novo exercício. Cada aluno deveria dizer agora o que estava “jogando fora” para merecer os benefícios daquela incrível energia budista desprendida de bens materiais, afinal “dessa vida não se leva nada, mas se eleva o espírito”.

A japonesinha atrás de mim jogou fora a casa na praia. O fortão ao meu lado, a sua moto nova. As irmãs gêmeas, todas as roupas que elas tinham no armário. A senhorinha na minha frente, todo o dinheiro que tinha no banco. Quanto a mim, só queria levar o lixo da escola embora com tudo o que os outros tinham jogado nele.

Agora, munida de um longo cinto, minha tarefa era amarrar meus pés, minha cintura e meus braços de uma só vez. A professora garantiu que era um passaporte para o céu.

Ótimo, como eu estava precisando mesmo sair correndo dali, o céu era um bom lugar para ir. Me amarrei toda e só conseguia pensar no cantor do INXX, que morreu praticando sadomasoquismo.

Na hora em que ela mandou desfazer a posição, eu realmente fui para o céu... mas isso não lhe parece meio óbvio? Ao final de um período longo de sofrimento, todo mundo é feliz. Mas pelo menos o exercício do aperta-espreme tinha servido para eu liberar a minha *kundalini*; a quantidade de gases que eu tinha no corpo era surreal.

O final da aula tinha chegado. Ufa! O último exercício era muito simples, ridículo de fácil: eu só teria que plantar uma bananeira sem me apoiar em nada.

Olhei para os outros alunos buscando um momento de cumplicidade do tipo “essa mulher tá louca”, mas eu era mesmo um ser solitário naquele lugar: todo mundo já estava de pernas para o ar. Só a taurina aqui amava mais do que tudo os pés bem firmes no solo e estava em pânico. A professora olhou pra mim,

dessa vez com um pouquinho de compaixão (finalmente!), e disse: “se concentra no Krishna Das que você consegue”.

Eu não fazia a menor idéia de quem era esse cara, mas me concentrei nele, repetindo esse nome mentalmente mais de mil vezes. Enquanto eu repetia, ela levantava as minhas pernas.

Todos os outros alunos repetiam incessantemente um mantra que dizia “Milu Minei”. Fiquei horas me indagando quem seria o tal do “Milu”, tantos nomes novos! Era um novo mundo! Eu precisava estudar.

Eu já estava quase totalmente de ponta-cabeça quando percebi que minhas mãos suavam muito e que a qualquer momento eu poderia escorregar daquele *mat* cheio de mucos nasais. Com medo da queda repentina, provoquei uma queda instantânea (também não me perguntem o que eu quis dizer com isso)... mas não medi exatamente a distância entre meu pé e o nariz da professora, causando assim um acidente dos mais bizarros da minha vida: eu dei um coice feroz na coitada.

Nocauteada, tonta e pronta para esquecer os mantras e mandar um sonoro “caralho, sua vaca”, a professora não sabia se resolvia primeiro a dor do seu nariz ou a expulsão da minha existência daquela aula. Eu tentei ajudar falando na língua dela: “reza para o tal do Crisnaquedá, ou pra esse outro Milu Minei, se concentra neles”.

Só depois descobri que Krishna Das era o cantor do CD que tava tocando durante a aula. Uma espécie de rei Roberto Carlos para os iogues. E que o mantra, na verdade, era “me iluminei”. Que vergonha.

Enquanto os outros alunos correram para buscar gelo, eu tratei de evaporar dali o mais rápido possível. O problema foi que descii as escadas sem levar em consideração minhas pernas trêmulas por causa dos exercícios, a cabeça baixa por causa da vergonha e os olhos quase cegos por causa da alergia. Sim, eu rolei mais de trinta degraus escada abaixo, levando comigo gatos, imagens de buda, uma cortina de seda e alguns dos alunos que estavam na contramão.

Quando finalmente consegui sair dali, eu não tinha dúvidas: era a pessoa mais feliz do mundo.

Entre uma festa idiota e um dia de trabalho besta

O vazio de novo, sempre ele. Fico tão seca por dentro que minha boca faz ferida. Todo mundo dançando, meu amigo metido a DJ dando socos no ar, todo mundo bebendo, fumando, tomando umas merdinhas que eu não sei de onde vieram. As pessoas se matam a cada instante só porque têm medo de morrer.

E eu mais uma vez ali, não entendendo por que o meu corpo, o meu espírito e a minha mente ainda procuram alguma grande descoberta, algum grande momento de relaxamento feliz, e sem as pauladas do meu cérebro, na noite, nas festas, no escuro, no meio de pó e fumaça. Entre almas que choram escondidas pelos cantos enquanto corpos pulam porque permanecer dói demais.

Idiotas, todos vocês, penso enquanto sorrio e sinto meu sangue me corroer por dentro, não estou sendo sincera com ele. Enquanto meu sangue deita pelado e se espalha pelos mil cantos para fazer escorregar todos os saltos e todos os pulos, eu ainda tento dançar meu corpo sem vida. Minha vida está lá fora, na fila pra pegar o carro, no escuro do meu edredom, no meu refúgio do palco, porque vida nunca faz teatro.

Já faz um tempo, talvez todo o tempo, que não sou realmente feliz e inteira por onde ando. Antes eu já achava a grande maioria de tudo medíocre e deprimente, mas era jovem demais e ainda acreditava na grande fase da minha vida, o grande momento. Eu me preparava para merecer a melhor festa do mundo, depois descobri que nada “o melhor do mundo” existe.

Dizem que o Lego é um brinquedo educativo que estimula a mente das crianças. Pode até estimular enquanto elas são crianças, mas ele fode com a tua vida adulta. De onde tiraram que o mundo tem encaixe? Você cria uma ilusão de que viver é juntar pecinhas coloridas e, quando cresce, descobre que na verdade nada faz muito sentido e, quando faz, não é por muito tempo.

Simples assim: se você não é um jovem babaca que ocupa a sua mente, aterrorizada com o fato de você estar neste planeta onde nada se controla e tudo é um grande mistério, com drogas, hora extra, *flyers* da próxima balada irada e “qual o DJ gringo do momento”, você é um cara que sofre muito. E, se você sofre muito, você é tão babaca quanto o cara que foge disso com drogas, hora extra, *flyers* da próxima balada e “qual o DJ gringo do momento”.

América do Shopping Morumbi. Lotado, as mesmas comidas de sempre, os cardápios gigantes... ao

lado tem o Viena, mas semana passada tinha uma baratinha no vaso de flores em cima da mesa. Não dava nem para ouvir falar do Viena. Não dava nem para ouvir falar do América.

Ao meu lado a mulher responsável pelo Agente Agência, uma loira de dois metros de altura e zero charme, pele estragada por espinhas do passado, que pareciam ainda tão marcantes na vida e na personalidade dela que era como se embaixo de suas unhas ainda tivesse pus.

Agente Agência era a nova invenção do planeta firma: você computava ali tudo o que estava fazendo, as horas que gastava, que horas saía pra comer, que horas fazia xixi, que horas bochechava com Cepacol, porque irritação e tédio atacam o fígado e dão bafo, e que horas mandava tudo à merda e ia viver um pouco.

A voz da comprida loira somada à sua função começavam a desencadear em mim a plenitude triste que vez ou outra me invadia e eu queria botar fogo no cardápio do América, gritar para o mundo inteiro que aqueles vasilhinhos falsos do Viena têm baratinhas e que comer no shopping é quase como pegar uma carne que alguém jogou pra você na jaula.

A loira sebosa tem tudo esquematizado na sua vida e sorri porque faz parte do programa sorrir. A idiota leu em algum livro de auto-ajuda que pega bem sempre usar terninhos, ainda que sejam da José Paulino, sorrir o máximo possível, cuidar dos dentes só porque são seu cartão de visitas e não porque é óbvio ter que cuidar dos dentes, olhar nos olhos, desempenhar da melhor maneira possível alguma rotina imbecil e jamais morar com o namorado antes do casamento, porque ele poderia não querer casar.

Suas táticas para prender o macho e se enfiar em algum vestido de noiva ridículo cheio de bordados e lantejoulas eram o assunto da merda do almoço no América.

A depressão foi me tomando, me enchendo, preenchendo cada poro do meu corpo. Eu olhei bem no fundo dos olhos dela, do jeito que ela leu em algum livro de auto-ajuda que mostra confiança e ajuda a ganhar recompensas no trabalho, e disse: “você é muito...” – eu queria dizer idiota, feia, patética, firma, ridícula, limitada, imbecil, estranha, bizarra, corna mansa, sem sal, sem açúcar, sem graça, sem conteúdo, normal, antiga... mas disse apenas – “ ... branca, não gosta de praia?”.

Ela não respondeu e sorriu superior como se dissesse: “tô aqui preparada para vencer na vida, munida completamente das minhas crenças emprestadas dos PHDs em ‘merdas para chegar lá’ e essa garota me pergunta se eu não gosto de praia? Mas que fútil!”.

Aí pra deixar mais clara a minha intenção eu perguntei: “você lê livros ridículos de como fazer marketing pessoal ou casar e ser feliz?”.

Ela fechou o tempo e eu consegui mais uma vez mostrar para uma idiota o quanto eu a achava idiota. Isso me dava prazer, era a vingança por ter perdido meu tempo com uma idiota.

Naquele dia cheguei à agência onde eu trabalhava, mais ou menos a oitava num tempo curto de três anos, e pedi a minha sétima demissão. Eu simplesmente não suporto o ambiente corporativo. Eu não suporto ter de preencher o Agente Agência sentada ao lado da loira sebosa que se acha melhor do que os outros porque algum livro idiota a ensinou o mantra autista “eu sou melhor do que você”.

Ela era só um exemplo em meio a tantos idiotas que perdiam a festa de aniversário do melhor amigo, o jantar para comemorar que o exame preocupante do pai não tinha dado nada e o dia em que a namorada estava no cio, para refazer pela quinta vez aquela campanha de varejo que ia encher o cu do chefe de dinheiro mas não traria absolutamente nada de útil para a vida deles.

Nem sei exatamente o porquê da minha pergunta a respeito da praia. Não sou o tipo que odeia o ambiente corporativo porque prefere ficar surfando, falando “iraaaado”, tomando um negocinho, fumando um trocinho e torrando a bunda. Claro que gosto da praia, assim como gosto de trabalhar e assim como gosto de pessoas, mas o universo que envolve a praia para mim é tão deprimente quanto o que envolve o ambiente corporativo e tão deprimente como a maioria das pessoas que quer ser maioria.

Se o dia está bonito, por que a pessoa não fala: “que dia bonito! Perfeito para a praia, tomar sol, entrar no mar...” ? Mas não, o ser humano é insuportavelmente tosco e fala: “puta dia insano, hoje tá irado pra uma prainha, pegar um solzinho e curtir o marzão”. Gírias, diminutivos, superlativos e abreviações usadas em prol da bestialidade, isso me deixa louca.

Na vila Madalena, aqui em São Paulo, tem um restaurante que eu adoro chamado Pitanga; em Higienópolis tem outro que eu adoro chamado Carlota.

O problema é que o primeiro é muito freqüentado pelos metidos a “vida natural, despreocupada e hippie” e o segundo pelos freqüentadores de baladas na vila Olímpia. E aí, o que viram esses restaurantes automaticamente? Pitanguinha e Carlotinha, claro. Porque essa galera adora diminuir as coisas para que elas sejam íntimas e caibam em suas bolsas Louis Vuitton ou em suas sacolinhas da Benedito Calixto. Puta saco que é sair de casa.

Por falar na vila Olímpia, estive lá um dia desses. Totalmente desavisada.

Estava com um amigo tentando sentar em um lugar decente para ter uma conversa decente e por total falta de informação fui cair neste antro da nata acerebral e bonita, porque qualquer trouxa fica bonito se passar o dia no Studio X se preparando para arrumar um cônjuge rico, e quase enfartei ao ver um milhão de pessoas igualmente vestida, igualmente fazendo pose, igualmente ocas e tentando ser feliz porque, se aquilo não era felicidade, eles não faziam a menor idéia do que poderia ser.

Não que eu ache que botar uma saia riponga, sete colares ripongas, uma regatinha da Shiva e um chinelinho “não preciso de salto alto para me sentir superior porque não tenho ego” e ficar duas horas em pé no “bar do momento”, da vila Madalena, seja felicidade. Aquela “rua do momento” completamente parada, os manobristas tirando fina dos ônibus e a imensa liberdade de ir a pé até os outros bares que também não têm ar disponível.

Grande bosta.

Não entendo, juro. Por que raios uma pessoa pensa que se um lugar está insuportavelmente cheio, o que significa que não terá lugar para sentar e o serviço inevitavelmente estará uma merda, é o lugar perfeito, é o lugar “que pega”? Pega trouxa.

Eu só sei que eu era uma demitida novamente. Novamente. Há menos de quatro meses eu havia pedido

outra demissão para ir para este lugar e em tão pouco tempo eu já estava carregando a massa amorfa do meu corpo sem nenhum tesão novamente. Que fique claro: eu nunca tive dinheiro, minha mãe rala pra ganhar uma merda e meu pai é um mistério financeiro, eu nunca sei se ele vai morar embaixo da ponte ou comprar um carro importado.

Mas se tinha uma coisa que eu não sabia, era fingir, ou melhor, eu sabia muito bem, mas não queria. Passar uma vida, ou um segundo sequer da sua vida, não estando dentro do seu corpo e de acordo com as verdades das suas tripas era como ser aquele personagem da Sessão da Tarde que saía dançando pelas festas e pelas praias: um morto muito louco. Lembram?

Minha vontade de pedir demissão sempre começava assim: um belo dia eu acordava com dor de barriga porque havia de alguma maneira me irritado com alguma coisa no trabalho. Aí eu pensava que fazer cocô até o fim para que aquela dor não me incomodasse mais e depois tomar um banhinho gostosinho, porque ninguém merece fazer cocô e não tomar banho, é infinitamente mais importante para a minha alma do que chegar no horário e preencher o Agente Agência ou descobrir que os dentes da loira sebosa estão ainda mais brancos porque tá na moda cartão de visita fosforescente.

Aí, por causa do cocô, do banhinho gostosinho e da minha implacável neura preconceituosa, eu chegava atrasada e todo mundo me olhava como se eu estivesse cagando pro trabalho, o que de fato era exatamente o que eu estava fazendo, e aquilo me dava um ódio profundo e uma profunda vontade de gritar que a vida era minha e nenhum dinheiro do mundo compra o meu direito de cagar. E, a partir deste dia, a merda estava feita.

Na verdade, é mais ou menos isso, mas tem mais coisa. Quando digo que odeio o ambiente corporativo me refiro ao comportamento das pessoas, às brequices da cartilha corporativa e às regras de “como chegar lá”.

Não acho certo nem errado, percebam. Não acho errado ir ao “bar do momento” ou ao Sirena depois de curtir o marzão, o solzão e comer um peixinho num japinha. Só estou dizendo que acho tudo isso uma grande merda para mim, para mim, ok?

Adoro comida japonesa, mas precisa dizer “adoro um japinha, é mó astral, meu!”? Pro inferno!

Sou, ou fui, redatora publicitária. Meu primeiro estágio foi na W/Brasil. O Washington era cheio de glamour, idéias, culto pra cacete e mandava a gente parar de trabalhar um pouco para ir ver um filme, dançar, trepar e quase sempre tinha champanhe de graça com música rolando.

Eu fazia títulos engraçadinhos e os redatores mais velhos, charmosos, cultos e premiados batiam palminhas para mim. Eu podia exorcizar a minha ironia, verdade, neurose de alguma maneira, e fazia isso em títulos sacaninhas, machistas, provocativos e de quebra ganhava elogios para meu ego de filha única metida a gênio. Tinha certeza que iria ficar nessa para o resto da vida.

Mas fui atropelada muito cedo pela chatice da profissão. É só varejo, é só encrenca, é só refação, é só caretice. E, se não for pra se divertir, o que justifica a sua bunda sentada de frente para um computador com Agente Agência e um atendimento, que deveria estar ali para facilitar o medíocre relacionamento

entre os pseudo-artistas e os pseudodiscípulos do Kotler?

Aliás, parênteses para o atendimento. Esse cara que trabalha em agência, portanto está num ambiente menos formal do que o de uma empresa, mas é o cara que não pode chegar no cliente com All Star cor-de-rosa e só a metade da cabeça raspada porque precisa vender aquela campanha com seriedade. Como é perdido em suas frases em inglês e a roupa *fashion* do “*casual day* sem reunião”, o único dia em que ele pode mostrar que também sabe ser louco. Porque todo mundo inveja a loucura de alguma maneira, mas a grande loucura, como já disse, está em você deixar de viver para refazer pela quinta vez a campanha de varejo que vai encher o cu do seu chefe de dinheiro e não necessariamente vai te segurar na empresa na hora de um corte. Até porque fica quem é melhor, e é melhor quem vive.

Bom, o texto termina aqui mesmo, já que não me resta nenhum amigo e nenhum emprego, vou aproveitar o resto da tarde para não fazer um cacete.

Se bem que eu adoraria fazer um.

Máfia da caridade

Eram vinte reais para ajudar bebês com problemas respiratórios, óbvio que eu não podia negar, mandei vir na manhã seguinte retirar a doação.

Na manhã seguinte, bem antes do horário combinado, o interfone me acorda:

– Dona Tatiana, tem um rapaz aqui que veio retirar a doação para os velhinhos.

– É Tatiane, Waldysclay!

– Não senhora, não é nenhuma Diane não, é um homem que veio retirar doação para os velhinhos.

Desisto. Desço de pijama mesmo, pantufa rosa e os vinte reais combinados. No elevador me cai a ficha: velhinhos? Mas não eram bebês?

Enfim, os velhinhos carentes também merecem vinte reais, faço minha boa ação do dia e ganho dois presentes: uma foto com vários idosos dispersos, desistentes da vida, e um recibo com as seguintes palavras de Jesus: “A mão que faz a caridade não conta nem para a outra mão”.

Volto a dormir, afinal, escritores trabalham até bem tarde e ainda são sete horas da manhã. Meia hora depois o interfone novamente:

– Dona Tatiana, outro rapaz pra senhora. Agora é a doação para os bebezinhos. A senhora tem alguma pra mim aí também?

– Já tô descendo, Wal! Mas não me liga mais hoje, por favor. Nem que o prédio pegue fogo!

Pijamão *again*, pantufa idem. Mais vintão? É, fazer o quê? Alguma coisa estranha estava acontecendo, mas ainda era muito cedo para eu tentar entender ou não ser uma boa samaritana. Dessa vez não ganhei nada, talvez apenas um lugar no céu.

Conseguo dormir até um horário decente pra não ficar mal-humorada, acordo, leio meu jornal, tomo meu suco de caju com pão de queijo e bolo de nozes e começo a trabalhar. Será que hoje ligam da agência em que fiz um *freela* dizendo que meu dinheiro já foi depositado? Tomara, tô precisando mesmo de uma grana.

Pouco depois da hora do almoço, meu telefone toca. Atendo esperançosa, mas do outro lado uma voz fanha e mecânica me desanima:

– Tudo bom, senhorita Tatiana?

– Tudo, mas é Tatiane.

– Graças a Deus, né!

– O quê? Ser Tatiane em vez de Tatiana? Pra mim é tudo a mesma merda.

– Não! Graças a Deus que está tudo bem com a senhora, né?

– Ahhh.

– Mas infelizmente, senhorita Tatiana, não é com todo mundo que está tudo bem. Você sabia, senhorita Tatiana, que cuidamos de mais de cinquenta grávidas que não têm dinheiro para nada?

– Vintão tá bom?

– Graças a Deus, senhorita Tatiana. Amanhã que horas?

– Depois das dez da manhã, por favor.

Poxa, mulher grávida é coisa sagrada, não? Vintão não ia me fazer grandes diferenças. Sacanagem dizer não, né? Poxa, se os bebês merecem, os velhinhos e as grávidas também!

Já são cinco da tarde e nada de a agência me confirmar o pagamento pelo *freela*; será que eles mandaram por e-mail? Resolvo checar.

Sim, o e-mail da agência estava lá, ufa! Mas quase me passou despercebido em meio a tantas outras mensagens: Lar Esperança, Casa do Amigo, Caminho de Fé, União das Crianças, Amigos do Senhor, Paz na Terra, Irmão Sol, Irmã Lua, Sobrinho Plutão... minha caixa postal parecia a da madre Tereza de Calcutá, depois da canonização.

Mas como tantas instituições de caridade sabiam meu e-mail? Talvez, quando a primeira fanha mecânica ligou pedindo ajuda para os bebês, eu tenha dado meu e-mail, meio que pra me livrar logo daquele falatório enfadonho. Será que ela havia repassado para outras 456 entidades?

Comecei a deletar todos os e-mails sem ler, mas assim que eu dava um *refresh* na máquina, eles apareciam novamente, parecia coisa do coisa-ruim. Até que uma das mensagens simplesmente abriu e pulou na minha frente: era uma foto com milhares de criancinhas carequinhas pedindo brinquedos.

Putz grila, eu tinha tido uma infância tão maravilhosa e saudável. Lembrei que a minha casa da Barbie era tão completa que tinha até bidê!... Que injusto que era o mundo! A senhorita Tatiana não podia deixar isso acontecer. Na mesma semana fui até uma loja de brinquedos que vende atacado e comprei mais de cem brinquedos. Liguei para a instituição e eles vieram buscar, felizes da vida. Eu ainda não era a senhorita Tatiana mais legal do mundo porque, na verdade, eu deveria ter levado os brinquedos pessoalmente, mas já era um começo.

No dia seguinte, às exatas oito horas e quinze minutos da manhã, toca meu celular. Bom, celular é algo pessoal, dificilmente seria alguém desconhecido, devia ser algum amigo precisando dos meus conselhos quase sempre duros e curtos, porque preciso ser o centro do universo e não suporto gente querendo sofrer mais do que eu.

– Senhorita Tatiana?

– Ah não, olha só, é com “e” o meu nome, tá? Ainda é muito cedo e eu não tô a fim de ajudar mais ninguém! Já ajudei os velhinhos, os bebês, as mulheres grávidas, as crianças doentinhas... o que pode faltar?

– Senhorita Tatiana, nós somos um grupo de apoio que ajuda os desabrigados levando agasalhos. A senhora sente frio para dormir, senhorita Tatiana?

– Não, não sinto frio, mas sinto sono esse horário!

E bati o telefone na cara da mala, da chata, da idiota que tinha me acordado. Filha da mãe, me acordar a essa hora para que eu resolva um problema que não é meu? Esse problema não é meu, porra. Esse problema não é meu, porra...

Virei para um lado, virei para o outro, virei de bruços, nada adiantava. Coitadinhas das pessoas que dormiam no frio em pleno inverno! Coitadinhas das pessoas que dormem no frio em pleno inverno!

Droga, mil vezes droga! Desde que comecei a trabalhar em casa minha vida tinha virado um inferno, as pessoas não sabem que escritores trabalham em casa? TRABALHAM!

Eu não sou dondoca, porra! E eu durmo até tarde porque trabalho melhor de madrugada!!! Mas coitadinhas das pessoas que dormem no frio em pleno invernoooooooooooooooooooooooooooooo!

Dei um pulo da cama e tentei resgatar a porra do telefone da porra da instituição que me acordou pela porra do bina da porra do meu celular. A porra da menina atendeu:

– Senhorita Tatianaaaaaaaa!!!

– Olha aqui, minha filha, nunca mais me acorde, entendeu? Amanhã passa aqui depois das dez pra retirar uns agasalhos que eu vou separar. E meu nome é com EEEEEEEEEEEEEEE!!!!

– Graças a Deus, senhorita Tetiana!

Eu tinha dois projetos para entregar na *VIP*, três textos para entregar na agência Click, dois textos para entregar no Blônicas e um roteiro para terminar, mas dediquei a porra do meu dia inteiro fazendo um rapa nos armários da casa.

Na manhã seguinte, antes mesmo de o galo cantar, a galinha tocou:

– Bom dia, senhorita Tatianaaaaaaaa!

– Eu só posso estar sendo filmada por algum programa estúpido de auditório. É pegadinha, né?

– Nós estamos estando ligando para estarmos agradecendo os brinquedos que a senhorita esteve estando nos enviando!!

– Vou enviar um professor de português da próxima vez.

– ... e também para estar estando contando para a senhorita que nossas crianças estiveram estando rezando uma missa para a senhorita ontem!

Eu queria me rasgar inteira, era a vigésima vez no mês que o telefone me acordava, eu queria matar fanha robótica por fanha robótica, queria deixar claro para elas que o meu nome era com “e” (não que eu gostasse do meu nome, mas era meu nome e pronto) e que gerúndio é a coisa mais insuportável que um ser humano pode fazer depois de te acordar ou falar lendo um *script*. Mas eu não podia fazer isso: afinal, as crianças tinham rezado uma missa para mim!

– Poxa, que lindo. Muito obrigada. Beijo nas crianças!

Desliguei o telefone com o ódio batendo nas minhas amídalas. Que porra era essa agora! Eu tinha sido pega pela máfia da caridade? Ajudei uma vez e teria que ajudar para sempre milhares de entidades? Nunca mais eu poderia dormir, comer, me cobrir ou brincar sem me sentir culpada por isso?

O ódio crescia dentro de mim. Eu precisava extravasá-lo de qualquer maneira, eu precisava colocar

aquele monstro pra fora, eu precisava exorcizar tanta raiva, eu precisava cuspir meu demônio, eu precisava vomitar o demo. Nesse momento, o telefone tocou:

– Senhorita Tatiana Bernardes?

Tentei me segurar ao máximo. Prendi a respiração, entrei em postura de meditação, contei até doze, não, eu não podia soltar os cachorros em cima de uma instituição de caridade...

– Senhorita Tatiana Bernardes? A senhorita está estando me ouvindo? Aqui é da operadora de telefone...

– Fodaaaaaaaaaaaaaaaa-seee, sua vacaaaaaaaaaaaaa burraaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!!!



A paulistana **Tati Bernardi** é redatora publicitária, colunista de revistas da Editora Abril e roteirista da Rede Globo. Pela Panda Books lançou os títulos *A Mulher que não prestava* e *Tô com vontade de uma coisa que não sei o que é*.

Copyright © 2006 Tati Bernardi
Diretor editorial **Marcelo Duarte**
Coordenadora editorial **Tatiana Fulas**
Projeto gráfico e diagramação **Ana Miadaira**
Preparação **Alessandra Miranda de Sá**
Revisão **Cristiane Goulart e Telma Baeza G. Dias**

Alguns dos textos que compõem este livro foram publicados na revista TPM e no site da autora.

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41 – 05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut